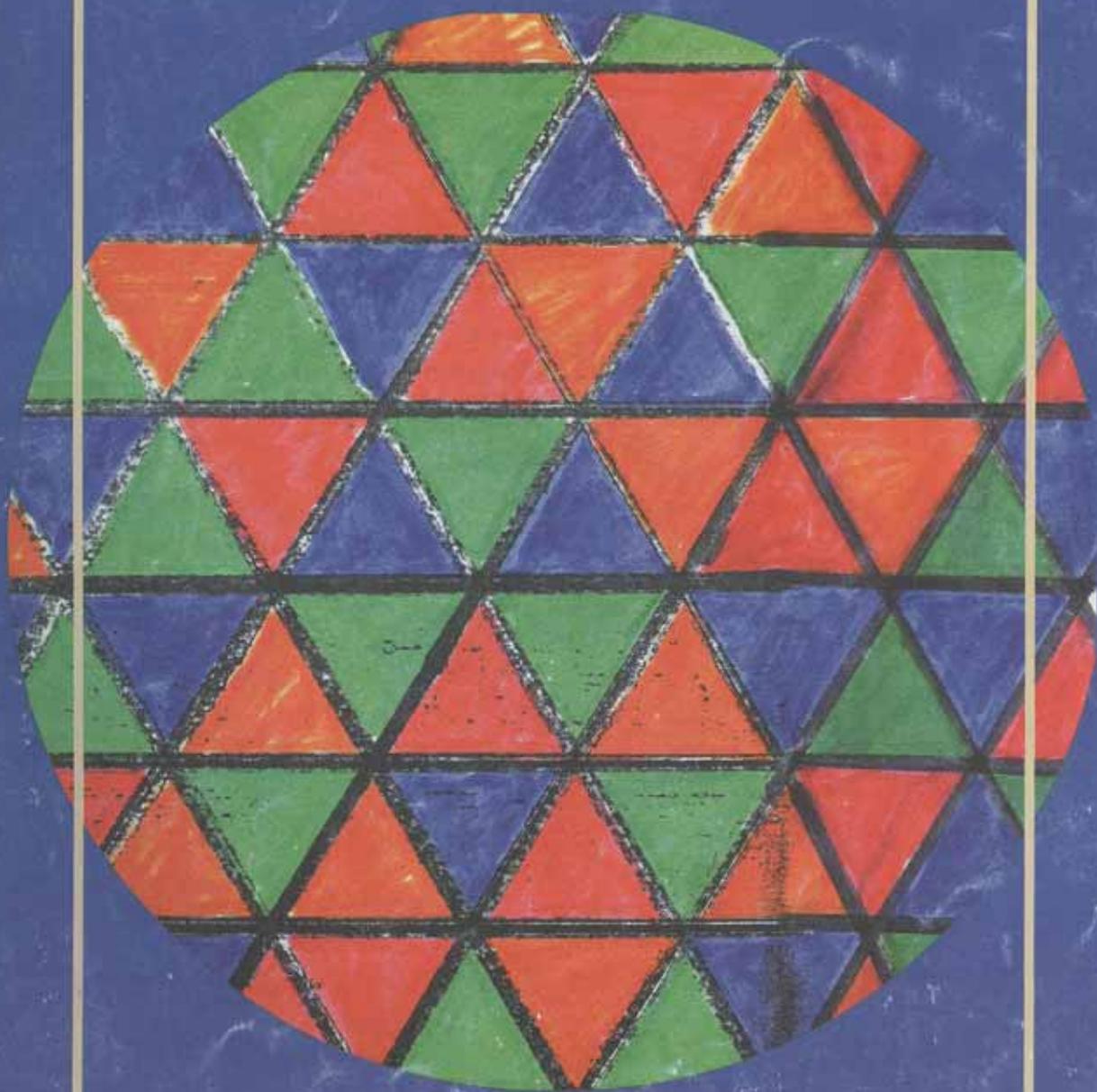


programa integrar

formação e qualificação para o trabalho

junho de 1998



Apresentação

Nos últimos anos, as alterações na forma de produção e a introdução de novas tecnologias, principalmente com a automação industrial, colocaram para os trabalhadores metalúrgicos e para o movimento sindical novos desafios. Antigas profissões foram extintas e surgiram novas funções, todas elas com um nível de exigência muito maior em termos da capacidade de raciocínio e habilidades intelectuais dos trabalhadores. Os que não conseguiram acompanhar as mudanças foram paulatinamente sendo substituídos e em muitos casos os postos de trabalho foram eliminados, com o conseqüente agravamento do nível de emprego.

Dados aparentemente controversos mostram essa situação com clareza. Nos últimos dez anos, aumentou consideravelmente o número de desempregados e, no entanto, houve no mesmo período crescimento da produção industrial. A explicação é simples: a reestruturação produtiva afetou todos os setores da indústria e deixou atrás de si uma massa de trabalhadores desempregados, principalmente os que não estavam preparados ou capacitados para resistir às mudanças.

O Programa Integrar – Formação e Qualificação Para o Trabalho, criado pela Confederação Nacional dos Metalúrgicos (CNM) da Central Única dos Trabalhadores (CUT), surgiu a partir da constatação dessa realidade. Atuando, de um lado, junto aos trabalhadores empregados para capacitá-los no domínio das novas tecnologias, seu principal instrumento é a Pesquisa Participativa, que reúne informações sobre as necessidades dos trabalhadores para que possam acompanhar e interagir no processo de reestruturação produtiva. A pesquisa, que já se encontra em curso em 15 unidades de produção (envolvendo 30 mil trabalhadores), é negociada com as empresas e realizada por equipes de sindicalistas dessas fábricas com suporte técnico da Coordenação de Programas de Pós-Graduação de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Coppe/UFRJ). De outro lado, o Programa atua junto aos desempregados, criando alternativa aos cursos de formação oficiais. É um curso que ao contrário de formar exclusivamente para a produção, forma os trabalhadores com base nos princípios da cidadania, associando a experiência adquirida em anos de fábrica com o conhecimento técnico e formal. Além disso, cria um espaço de reflexão e mobilização de desempregados em busca de novos caminhos para a sobrevivência e a atuação política.

Esta publicação tem por objetivo apresentar à sociedade essa experiência desenvolvida pela CNM/CUT e promover a discussão sobre o combate ao desemprego e a qualificação para o trabalho.

apresentação

Direção da CNM/CUT.

Presidente: Heiguiberto Guiba Della Bella Navarro **Vice-Presidente:** Carlos Manoel Costa Lima **Secretário Geral:** Carlúcio de Souza Castanha Jr. **Secretário de Administração e Finanças:** Wilson Fernando da Silva **Secretário de Relações Internacionais:** José Domingos Cardozo **Secretário de Políticas Sindicais:** Marco Aurélio Spall Maia **Secretário de Políticas Sociais:** Luiz Carlos Prates **Secretário de Organização:** Luiz Roberto de Souza Cury **Secretário de Imprensa e Divulgação:** Jaír Mussinato **Secretário de Formação:** Fernando Augusto Moreira Lopes **Secretário de Saúde:** Marcelo Ferraz Toledo **Diretores Executivos:** Edgar Aires da Paixão, Rita de Cássia Evaristo, Jadir Baptista de Araújo, Luci Paulino de Aguiar, Marino Vaní, Durval Aparecido F. de Carvalho, Nelson Luiz da Silva, Israel Pinheiro, Antonio Viana Balbino.

Expediente Editorial

Coordenador geral do projeto: Alipio Freire **Editor de texto:** Emilio Alonso **Redatoras:** Alessandra Caccioli, Jô Azevedo **Editora de Arte:** Silvana Panzoldo **Coordenação Administrativa:** Classe Consultoria e Serviços

ilustração da capa: desenho do aluno Luiz Gomes do Nascimento do Núcleo de São Bernardo do Campo (SP); ilustração do sumário: desenho do aluno Mário de Freitas do Núcleo de Mauá (SP)



Programa Integrar - CNM/CUT

rua Caetano Pinto 575 Brás CEP 03041-000 São Paulo - SP Brasil
fone: (0055)(11) 242 9411 fax: 279 9524 e-mail: cnmcut@ax.apc.org

Sumário



Uma nova concepção de formação profissional	4
Entrevista com Guiba, presidente da CNM/CUT	
Desemprego	6
Programa Integrar	12
Conceitos e objetivos	
Transformando vidas	16
Depoimentos / Trabalhos de alunos	
Articulação nacional contra o desemprego	28
Avaliação dos coordenadores estaduais	
A pedra de toque	33
O dia-a-dia dos núcleos	
Trabalhador crítico é uma exigência da cidadania	40
Entrevista com Fernando Lopes, secretário de formação da CNM/CUT	
Os nossos parceiros	46
Expediente	47

Uma nova concepção de formação profissional

Entrevista com Guiba, presidente da CNM/CUT

A principal preocupação da Confederação Nacional dos Metalúrgicos da Central Única dos Trabalhadores (CNM/CUT) ao propor e desenvolver o Programa Integrar - Formação e Qualificação para o Trabalho foi de resgatar a confiança e a cidadania dos trabalhadores metalúrgicos e fazer

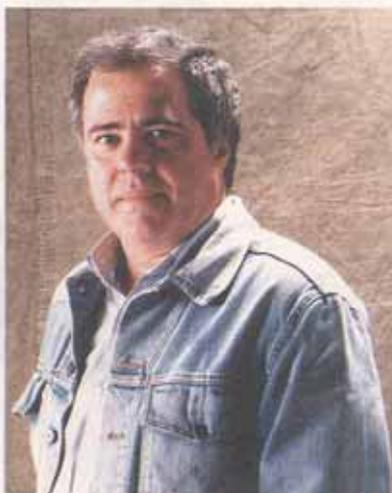
com que reconheçam não só seus deveres, mas também seus direitos. De acordo com o presidente da CNM/CUT, Heiguiberto Guiba Della Bella Navarro, a Confederação tem o papel de reivindicar, organizar e preparar os trabalhadores para a luta constante por melhores condições sociais, sem esquecer a luta diária por melhores salários e reivindicações imediatas da categoria.

Com o Programa Integrar, a CMN está cumprindo a tarefa de lutar pela cidadania, mostrando para o trabalhador a realidade em que ele está inserido, desde o ensino fundamental, sua situação de desempregado e empregado, até as precárias condições de saúde, de habitação e de vida do Brasil.

Nesta entrevista, Guiba fala sobre a criação do Programa e sobre a necessidade da formação e requalificação profissional gestada pelos próprios trabalhadores.

Qual o papel da CNM/CUT na organização dos trabalhadores?

A Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT nasceu de uma articulação em meio a uma negociação de campanha salarial no estado de São Paulo. Negociávamos com a Federação das Indústrias do estado de São Pau-



lo, Fiesp, que representa diversos sindicatos, e então resolvemos criar o Departamento Estadual dos Metalúrgicos. Depois, articulamos o Departamento Nacional de Metalúrgicos e só em 1986, no Rio de Janeiro, no Congresso Nacional da CUT, passamos a discutir a criação de departamentos ou federa-

ções e confederações. Não era muito claro qual organização deveríamos assumir, porque poderíamos nos confundir com as federações e confederações "pelegas" que já existiam no Brasil, um sistema arcaico e ultrapassado da organização dos sindicatos. Como exemplo temos a Confederação Nacional da Indústria, a CNI, e a Confederação Nacional dos Trabalhadores da Indústria, a CNTL. Aquele foi um dos congressos mais politizados que tivemos, mas, somente em 1992, nos decidimos pela criação de confederações e federações. Foi então que transformamos o Departamento Nacional de Metalúrgicos na Confederação Nacional dos Metalúrgicos. A Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT foi criada para organizar os trabalhadores em nível nacional. Inicialmente eram 60 sindicatos, hoje representamos 96, num total de mais de 900 mil trabalhadores. Portanto, é uma Confederação Nacional diferente do sistema confederativo que existe no Brasil. Montamos uma outra estrutura: nossos delegados e representantes de direção são eleitos nos congressos da categoria até chegar ao Congresso Nacional. Essa foi uma mudança significativa, reconhecida não estatutariamente, mas porque representamos os sindicatos mais organizados.

A CNM/CUT congrega cerca de 96 sindicatos. Quantos existem no Brasil?

É uma coisa fantástica quando começamos a falar em contrato coletivo de trabalho. Claro que não estamos falando só de metalurgia, mas os nossos levantamentos indicam que há mais de 19 mil sindicatos no Brasil. Não é possível fazer um contrato coletivo de trabalho com mil sindicatos. E ainda existe o debate entre nós sobre a unicidade e a pluralidade sindical. A tendência é a unificação dos sindicatos, porque é uma vergonha o que existe no modelo sindical brasileiro. Temos sindicatos com 200 trabalhadores, com menos de 30 sindicalizados. O imposto sindical ainda beneficia esses sindicatos pequenos sem nenhuma representação.

Como está estruturada a CNM/CUT?

A Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT tem um Conselho Consultivo que se reúne duas vezes por ano e faz parte das federações locais dos sindicatos, que são uma espécie de plenária para discutir e orientar as propostas que serão encaminhadas pela Confederação. É constituída pela Presidência, Vice-Presidência, Secretaria Administrativo-Financeira, Internacional, Política Sindical, Geral, Imprensa, Formação, Políticas Sociais, Organização e Saúde. Há uma Direção Executiva composta por 39 membros, que no próximo Congresso, em junho, deverá ser reduzida para 11 pessoas, e vamos também propor uma Direção Nacional composta por mais 24 membros. Portanto, pretendemos diminuir o número da Direção Executiva da Confederação e aumentar a responsabilidade dos dirigentes na organização nacional.

Qual o peso hoje da formação nas linhas gerais definidas pela CNM/CUT?

A Secretaria de Formação está tendo bastante destaque, principalmente na relação internacional, porque hoje o mundo trabalha em blocos: Comunidade Européia, Nafta, Pacto Andino, além do Mercosul. Assim, estamos atentos para a questão das relações internacionais, principalmente na América Latina. Temos uma situação de muita debilidade e muitos companheiros do movimento sindical latino-americano não estão preocupados em fazer realmente uma requalificação profissional. No Brasil tivemos uma discussão muito grande sobre esse tema. Eu e o companheiro Vicentinho, presidente da CUT, apresentamos, em 1995, à Federação das Indústrias do estado de São Paulo, uma proposta para fazer parte da gestão de formação do Senai. Apresenta-

mos ao Mário Amato, que era o presidente no período, mas foi rejeitada. Nossa proposta partia da constatação de que era necessário buscar novas formas de promover a formação profissional, com novo método e nova dinâmica. Os recursos do Senai, Sebrac, Sebrae e outros são advindos do Fundo de Amparo ao Trabalhador, o FAT, que é formado com dinheiro dos próprios trabalhadores. No entanto, o Senai forma para a produção, para a empresa. Discutimos, então, essa proposta com duas universidades, a Pontifícia Universidade Católica - PUC, do estado de São Paulo, e a Universidade Federal do Rio de Janeiro, buscando aproximar o saber operário do saber universitário. Acredito que a nossa metodologia e a nossa proposta agradaram em cheio, e hoje estamos trabalhando na requalificação profissional. Estamos preparando os cidadãos que perderam as esperanças de voltar ao mercado de trabalho. Mas a obrigação de criar condições para a recolocação de profissionais não é da Confederação, não é do movimento sindical, mas do Estado.

Então porque a CNM/CUT desenvolveu o Programa Integrar?

O problema é que os recursos dos trabalhadores estão indo para mãos erradas, para o patronato, que estabelece o tipo de curso que quer. Estamos exigindo que esses recursos voltem para os trabalhadores. A Confederação não é uma escola e nem quer tornar-se uma. É uma organização de atuação política dos trabalhadores, para fazer com que eles entendam a sua diferenciação de classe. E dentro da sala de aula estamos conseguindo fazer isso, porque nosso esforço não é simplesmente o be-a-bá, a matemática, a geografia... É um espaço que nós aproveitamos para formar os trabalhadores não só para terem uma perspectiva no mercado de trabalho, mas também para mostrar a eles de quem é a responsabilidade de gerar empregos no Brasil.

Como foi implantado o Programa Integrar?

Em 1995, fomos buscar recursos do FAT aqui em São Paulo para iniciar um projeto que naquela época não tinha ainda a cara nem a forma do Programa Integrar. Mas queríamos fazer algum tipo de formação. A primeira tentativa não deu resultado. No entanto, teimosamente, continuamos insistindo, pois sabíamos que era possível fazer o nosso programa de requalificação profissional. Preparamos melhor essa proposta e voltamos a requerer recursos em 1996. Iniciamos em outubro daquele mesmo ano. De lá para cá, nosso curso tem sido um sucesso. As

universidades e a Unitrabalho — que articula uma rede de universidades no Brasil — apontaram o Integrar como o melhor programa de requalificação e formação profissional. É o único curso profissionalizante do país reconhecido pelo Ministério da Educação com certificado de primeiro grau, e acabou virando um modelo de formação profissional.

Houve muita resistência dentro do movimento sindical ao Integrar?

Ainda hoje existe a crítica. Alguns companheiros são resistentes à idéia de um curso de requalificação profissional, mesmo o Programa Integrar, porque acham que é dinheiro do Estado. Mas o dinheiro não é do Estado, é dos trabalhadores, e vem do PIS/Pasep, um desconto de 0,65% do faturamento bruto mensal da empresa, e grande parte dele vai para o FAT. Portanto, é por direito que esse dinheiro volta a todos nós. Hoje, essa resistência é muito menor, pois quase todas as tendências da CUT e quase todos os companheiros dos sindicatos reconhecem que o Programa é importante para os trabalhadores. Todos os estados estão interessados na implantação do projeto. Já estamos ajudando até outras categorias a implantá-lo, como a dos químicos, dos trabalhadores da construção civil e os petroleiros.

O Integrar não vai poder expandir-se para todos os brasileiros sem um Estado que transforme isso num conceito oficial e numa política nacional de educação. Como é que você vê isso?

Qual é o nosso questionamento: por que o Senai, o Sebrae e o Sebraec pararam com os cursos profissionalizantes? A metodologia estava completamente ultrapassada, a dinâmica ultrapassada, as profissões já estavam extintas e eles continuavam a formar torneiro de torno vertical, etc. O Integrar representou um impacto muito grande, a começar pela metodologia de ensino na sala de aula que é diferente, porque os nossos professores não são simplesmente os da rede primária para ensinar as coisas básicas. Fazem com que os alunos participem efetivamente do aprendizado, a partir de sua formação como operário. Também contamos com a presença do instrutor, que é um profissional do ramo, que estava na indústria e que conhece a sua profissão. Isso mudou significativamente a metodologia de ensino. Na verdade, essa experiência está reformulando o ensino básico no Brasil. Isso nos engrandece cada vez mais.



des



emprego

Por trás das frias estatísticas que mostram o agravamento constante do mercado de trabalho, esconde-se um quadro de desestruturação social na vida do trabalhador sem emprego, com implicações diretas em seu perfil psicossocial.

O desemprego acarreta uma situação dramática que geralmente vai além da falta de renda. Significa um novo processo individual em que o trabalhador passa a se confrontar com o medo de não conseguir sobreviver, de ser incapaz de proporcionar uma vida digna e confortável para sua família, muitas vezes no limite da pobreza, sem poder oferecer condições básicas de saúde, educação, habitação, etc. Muitos vi-

vem o desemprego como a perda de sua identidade social.

O alcoolismo, a dependência de outros tipos de drogas, a desestruturação individual e a loucura são possibilidades muitas vezes irresistíveis, mas sempre uma preocupação recorrente, como revelam os trabalhos de muitos dos que freqüentam os cursos do Integrar.

Sentimentos como a ansiedade, a angústia e o desespero são comuns, associados a uma degradação da autoimagem e, portanto, da auto-estima. Habitados às rotinas do trabalho, por vezes árduas e desgastantes, passam a conviver com uma situação de ociosidade, que pode ser confundida socialmente com falta de vontade para

o trabalho, indolência e mais vulgarmente tachado de "vagabundo". Por isso, procuram preencher o cotidiano com várias atividades, às vezes sem qualquer sistematização. Evitam pensar e refletir sobre sua situação, que lhes traz sofrimento e dor. Assim, a busca de atividades e a robotização do seu cotidiano funciona de maneira a evitar o sentimento de ameaça à sobrevivência física e moral.

Há relatos de desempregados que passaram por uma completa desestruturação de sua vida familiar, com alterações profundas em suas relações afetivas com a mulher, filhos e parentes próximos. Além disso, a perda da segurança representada por um emprego provoca momentos de depres-

são que em muitos casos não são aceitos pelo indivíduo e por sua família.

Essas alterações de comportamento e da própria realidade da vida dos desempregados foram identificadas pela Pesquisa de Caracterização Psicossocial do Metalúrgico Desempregado realizada em 1997 entre os alunos do Programa Integrar que estão ou passaram por uma situação de desemprego. O estudo, coordenado por Luiza B. N. Alonso, teve como objetivo fazer um levantamento a partir de seis grandes eixos pelos quais transitam o psicossocial do trabalhador sem emprego: o cotidiano, as estratégias de sobrevivências, o histórico de vida, a auto-imagem, os sonhos, as expectativas e os valores.

Assim a pesquisa procurou caracterizar as condições socioculturais do desempregado por meio da descrição de seu cotidiano; identificar, através do histórico de vida, o tipo de formação prévia; levantar dados sociais e psicológicos dos desempregados na discussão de sua auto-imagem; coletar dados sobre sonhos e expectativas para investigar as aspirações e esperanças depositadas para o futuro em curso; e contribuir para a informação e divulgação do desempregado no Brasil de modo a colaborar na formação de um programa de intervenção psicossocial que melhor capacite os trabalhadores para serem sujeitos de sua própria história.

A pesquisa envolveu cinco grupos focais e 39 entrevistas individuais entre os alunos do Programa Integrar das cidades paulistas de Diadema, Sorocaba, São José dos Campos e Santo André.

Apesar das dificuldades por que passam os trabalhadores que perderam o emprego, todos os entrevistados foram unânimes em afirmar que o curso representa mais que uma oportunidade para obter o certificado de

primeiro grau. Para os alunos, ele está oferecendo condições de repensar a vida de forma menos angustiante e desesperada. É um espaço em que se pode discutir e trocar experiências com outros trabalhadores que estão na mesma situação. Um lugar em que é acolhido sem críticas, onde são oferecidas explicações sobre macro-economia que mostram ao trabalhador que o desemprego não é sua culpa e sim está atrelado a uma série de fatores socioeconômicos, cujo principal agente é a política de desenvolvimento perpetrada pelo governo federal. A partir disso, os alunos passam a ter uma maior noção sobre a realidade, e a entender as razões e os efeitos das transformações produtivas que se processam atualmente na indústria, com a conseqüente eliminação de postos de trabalho.

O Programa Integrar busca de forma não assistencialista a reintegração do trabalhador no mercado de trabalho dando-lhe subsídios para a construção de uma perspectiva crítica do mundo. O estudo confirmou, segundo seus coordenadores, que se é certo que se aprende com a razão, a emoção libera o caminho para a aprendizagem.

O cotidiano

As entrevistas mostraram que do ponto de vista do cotidiano dos desempregados há um grande volume de atividades. O medo do ócio, a ansiedade e a preocupação em não ser considerado vagabundo ou relaxado pela comunidade e pela família fazem do trabalhador em situação de desemprego um ser em constante ebulição. Assim, ele sente que não tem o direito a momentos de lazer, descanso ou mesmo de cuidar de sua saúde, como se fossem apenas prerrogativas de quem está empregado. A perda do vínculo empregatício é vista como

uma perda da sua segurança básica, podendo inclusive ter implicações sérias na perda da identidade individual.

Há uma cultura que impede uma mudança do ritmo frenético da fábrica, e o cotidiano do trabalhador desempregado se amolda ao "correr atrás". Procurar emprego transforma-se numa incessante busca, para a qual há uma disciplina e rotinas, como explica um dos trabalhadores entrevistados: "Dia de procurar emprego é segunda, quarta e sexta. Nos outros dias, a gente sai, porque não dá para ficar em casa enchendo o saco da mulher, dos pais ou de quem quer que seja."

Estratégias de vida

A situação de desemprego apresenta para o trabalhador a necessidade de criar novas estratégias de vida: garantir alguma renda a partir de bicos, trabalhar por conta própria, fora da fábrica e, mais que isso, provoca um rearranjo no seio da família. É no cotidiano que eles têm que reelaborar seus papéis sociais, enquanto marido, chefe de domicílio ou pai. Nas entrevistas foram comuns relatos de pais que passaram a desempenhar pequenas tarefas domésticas, como descreve um deles: "Eu ajudo a mulher, ela trabalha. Eu ajudo a olhar as crianças, lavo uma louça, olho e dou banho nelas."

A pesquisa confirma o resultado de estudos realizados anteriormente que apontam uma situação de maior desestruturação para o homem do que para a mulher. Para ele a falta de trabalho significa a perda de referenciais de vida, como a segurança, a tranquilidade, a estabilidade e a auto-estima. A grande queixa é a de não ter um fluxo constante de dinheiro e trabalho, de tal forma que se garanta benefícios básicos como a saúde, habitação, crédito e tempo livre para o lazer.

Histórico de vida

Para a boa parte dos trabalhadores há a experiência de migrar (de cidade, região ou estado) para buscar novos postos de trabalhos com a finalidade de garantir a sobrevivência e melhores condições de vida para os filhos. Muitos não puderam ter uma

qualificação maior exatamente por esse fator. Precisaram se deslocar com mulher e filhos para encontrar novas alternativas e basicamente todos começaram a vida profissional muito cedo, em média aos 14 anos, abandonando a escola.

De acordo com o estudo, o processo de migração aparece como um

processo de desenraizamento. A pessoa se desliga de parentes, de seus valores de origem e até mesmo de crenças, estabelecendo novas referências na vida. No entanto, mantém o vínculo afetivo com suas cidades de origem. O lugar atual é decorrência da necessidade de um emprego e melhores oportuni-

Dados confirmam a preocupação dos trabalhadores

A preocupação com o desemprego tem aparecido cada vez com mais frequência nas pesquisas sobre qualidade de vida da população brasileira quando a pergunta é qual o principal problema de sua cidade, estado ou país? Tem se tornado um fator de angústia para muitos que estão passando ou passarão por esta situação. Os dados mostram que os trabalhadores têm razão em se preocupar.

O número de vagas na indústria brasileira foi reduzido em 38,1% entre 1990 e 1997, segundo informações divulgadas recentemente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No entanto, no mesmo período, a produção industrial cresceu 6,3%. Nos oito anos de existência da pesquisa mensal de desemprego do IBGE nunca foi registrado um dado anual positivo.

O pior desempenho do mercado de trabalho na indústria brasileira foi o de 1996, quando se acumulou uma queda de 11,2% no nível de emprego em relação ao ano anterior. Nesse período também foi registrado um aumento da produção de 1,7%. Em 1997, foram eliminados 5,7% dos postos de trabalho.

Número de desempregados, taxa de desemprego e população economicamente ativa (PEA)

Região Metropolitana de São Paulo (1997-98)

mês/ano	desempregados (em milhões)	desemprego (em %)	PEA (em milhões)
abril/1997	1,359	15,9	8,545
maio	1,387	16,0	8,669
junho	1,394	16,0	8,710
julho	1,363	15,7	8,682
agosto	1,371	15,9	8,622
setembro	1,409	16,3	8,646
outubro	1,428	16,5	8,655
novembro	1,436	16,6	8,651
dezembro	1,431	16,6	8,619
janeiro/1998	1,414	16,6	8,519
fevereiro	1,470	17,2	8,544
março	1,556	18,1	8,598

Fonte: Pesquisa de emprego e desemprego (PED) - Fundação Seade e Dieese

Nível de emprego industrial

em relação ao ano anterior. Brasil (1990-97)



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

A constatação de que a produção industrial cresceu e o emprego diminuiu leva à conclusão de que o processo de reestruturação produtiva atingiu em cheio

o país nesse período, com efeitos desastrosos sobre o mercado de trabalho.

Os impactos mais fortes foram identificados nas indústrias da região Sul (-3,0%), em São Paulo (-2,8%) e em Minas Gerais (-2,5%). No Nordeste a queda foi de -1,9% e no Rio de Janeiro de -0,7%.

A Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), realizada em convênio entre o Dieese e a Fundação Seade, também indica a deterioração do nível de emprego na maior região metropolitana do país. São Paulo acumula recordes de crescimento da taxa de desemprego, chegando ao primeiro semestre deste ano com cerca de 1,5 milhão de trabalhadores desempregados, sendo que ficou praticamente mantida a População Economicamente Ativa (PEA).

Mesmo levando em consideração fatores sazonais, a taxa de desemprego tem apresentado uma tendência de crescimento. Em janeiro deste ano, a Região Metropolitana de São Paulo apresentou uma taxa de 16,6%, em fevereiro de 17,2% e em março de 18,1%, o que representa o maior número de desempregados já existente na região em toda a história.

dades de vida, como diz um dos entrevistados: "Vim da Bahia para São Paulo. Se na Bahia tivesse emprego seria bom, teria ficado lá."

Projeto pessoal

Ser metalúrgico é um projeto de vida no qual está bem definida a condição de gênero, segundo a pesquisa. Para os homens significa a possibilidade de uma profissão em que ele será reconhecido socialmente e poderá obter melhores salários, e portanto maior segurança. Para as mulheres ocorre como uma eventualidade, que as tirou do caminho do serviço doméstico.

A maioria dos entrevistados sempre procurou ser independente financeiramente e tem a percepção de que os novos tempos e as novas formas de produção exigem mudanças de comportamento e de atitudes. Por isso,

aparece também a necessidade de estudo, de se qualificarem para as novas exigências das indústrias: "Eu fui muito acomodado, agora que eu estou vendo que preciso desse curso, que preciso voltar a estudar."

A perda do emprego desmancha o projeto de vida, ameaçando o que já foi conquistado e força mudanças, que na maioria das vezes são entendidas como negativas. Perde-se a expectativa de continuar crescendo, sem a chance de oferecer melhores condições de vida para si e para a família.

Auto-imagem

A auto-imagem do trabalhador desempregado foi didaticamente dividida em três vertentes: a da vítima, a do injustiçado e a do sábio, que procura aprender com a nova situação. Geralmente a maioria transita pelos

três modelos passando de vítima para injustiçado e daí para o sábio.

O primeiro vivencia essa situação em decorrência da idéia de que ele não pode oferecer nada para o mundo e as possibilidades de solução de seus problemas estão fora de seu alcance. A auto-imagem fica prejudicada pela visão de que só está desempregado quem não tem capacidade ou vontade de trabalhar.

O injustiçado sente que apesar de ter sido um bom profissional não foi reconhecido como tal e acredita que está desempregado em função de mudanças que estão ocorrendo na sociedade. É o momento em que procuram explicações para o desemprego, com argumentos críticos à política econômica e demonstram uma necessidade de buscar novos elementos que direcionem sua insatisfação.

O sábio é aquele que já está vi-

O perfil socioeconômico dos alunos

Uma outra pesquisa realizada por orientação da CNM/CUT buscou identificar o perfil do metalúrgico desempregado em suas condições sociais, econômicas e culturais, levantando suas expectativas e necessidades. Os dados coletados entre os trabalhadores do estado de São Paulo que participam do Programa Integrar mostram que a maioria tem entre 31 e 40 anos, é do sexo masculino, de cor parda ou morena, casado, nascido ou criado na zona urbana, com escolaridade de primeiro grau incompleto.

A escolaridade é na maioria dos casos truncada, intermitente, com complementação de cursos supletivos e basicamente foi interrompida pela necessidade de inserção no mercado de trabalho na faixa etária que varia entre os 13 e

18 anos. As principais razões indicadas pelos trabalhadores por terem abandonado a escola são a falta de condições econômicas (80%) e falta de vontade ou interesse (19,2%).

Quase metade dos trabalhadores (48%) já participou de cursos de formação profissional — a maior parte desses situa-se na faixa etária mais elevada. Predominam os cursos profissionalizantes na área de metalurgia (mecânica, soldador, torneiro mecânico, desenho técnico) e prestação de serviços (pedreiro, eletricista, encanador, corte e costura, culinária).

Entre os inscritos no Programa, 11,5% estavam empregados e 88,5% sem emprego. Todos os homens da faixa etária superior a 40 anos e as mulheres entre

21 e 30 anos, encontravam-se desempregados.

Com uma média de 16 anos de trabalho, a maioria dos alunos teve algum tipo de experiência na indústria metalúrgica (61%), sendo geralmente intermitente e bastante fracionada. Dos 19% que tiveram apenas experiências profissionais em indústrias metalúrgicas, alguns chegaram a níveis de especialização como torneiro mecânico, soldador, controle de qualidade, fundição, etc.

A situação de desemprego foi semelhante nas várias regiões pesquisadas. O tempo de desemprego varia entre 10 meses e 2 anos e os trabalhadores inseridos nas faixas etárias mais elevadas são os que maior tempo estão nesta condição. Os homens com mais de 40 anos são os

venciando uma situação caracterizada pelo entendimento interno e social. A pessoa aceita o que foi perdido e recupera em si os atributos para a formação de uma nova condição de vida e readquire a auto-confiança para poder seguir em frente. Sabe que sua identidade é resultado de sua ação e de sua experiência, e que o desemprego provoca um sentimento de revolta, de inutilidade, contra o qual é preciso ficar atento. A observação de grupos neste modelo mostrou a predominância de comportamentos de cooperação, valorização mútua e respeito, como resume um dos alunos entrevistados: "Aqui não só os professores são mestres. A gente aprende também com os profissionais que estão aqui. Todo mundo tem alguma coisa para ensinar e para aprender." Esse estado caracteriza-se também pela busca de alternativas individu-

ais e coletivas. Ele passa a entender que sempre é possível abrir novas fronteiras e aprender com as perdas.

Sonhos e valores

Voltar para a fábrica é o sonho mais comum dos alunos entrevistados. São simples e estão relacionados a uma vida com dignidade, com respeito social, na perspectiva de contribuir para o mundo em que vivem. Estão conscientes de que existem muitas dificuldades no mundo do trabalho e que estas estão sendo impostas pela maior exigência e por mudanças estruturais, com a introdução de novas formas de produção e novas tecnologias. Sabem que a idade, a escolaridade, a formação técnica e a situação de desemprego são fatores que inibem a realização de seus sonhos.

Os valores elencados pela maioria dos entrevistados — tanto para si

quanto para seus filhos — são o respeito ao próximo, à espiritualidade, à educação formal, informal e à família. A estabilidade financeira também é apontada como relevante para a inserção social, mas sempre em segundo plano. Os valores afetivos relacionados ao caráter das pessoas são mais importantes para eles, como a honestidade, sinceridade, franqueza, humildade para aprender e sobretudo o respeito ao ser humano.

A família é o principal elemento de apoio dos trabalhadores desempregados para que possam superar seus conflitos em que estão em xeque a auto-estima, a capacidade de produzir e de se sentir útil. Se há apoio, os sentimentos de perda ficam mais suportáveis. A escola também foi apontada por eles como uma referência e um fator de adaptação aos novos tempos.

que estão mais tempo desempregados e são também em maior número metalúrgicos.

Mais da metade foi despedida de seu último emprego, 17% são oriundos de empresas que faliram e 29% pediram suas contas. As principais causas das demissões são atribuídas à queda da produção, das vendas e necessidade de redução de pessoal. Eles vivem basicamente de subempregos ou fazendo bicos para seu sustento (67%), recebendo ajuda da família (33%) e usando suas reservas: poupança (18,3%) e FGTS e acordos (15,6%).

Mais de 60% dos trabalhadores ao analisarem possíveis alternativas de trabalho preferem montar um negócio pró-

Alunos do Programa Integrar no Estado de São Paulo

	homens	mulheres	total
setor de atividade do último emprego, em%			
indústria	50,0	37,0	45,4
metalúrgica	33,3	15,2	26,9
outras	16,7	21,8	18,5
comércio/serviços	28,6	47,8	35,4
construção civil	17,9	2,2	12,3
serviços domésticos	1,2	10,9	4,6
agricultura	1,2	0,0	0,8
bicos diversos	1,2	2,2	1,5
tempo de desemprego, em meses			
até 3	16,2	12,2	14,8
de 4 a 9	18,9	19,5	19,1
de 10 a 12	23,0	19,5	1,7
de 13 a 24	27,0	9,8	20,9
mais de 24	14,9	39,0	23,5

prio, ser autônomo. Representa uma forma de independência, liberdade, aumento da renda. Os homens com mais de 40 anos de idade preferem a segurança de

uma empresa e os que têm experiência no setor metalúrgico preferem voltar à uma indústria desse ramo, pois para eles significa *status* e salário adequado.

A maioria dos entrevistados na pesquisa tem consciência das mudanças conjunturais e das novas exigências do mercado de trabalho e uma porcentagem menor tem análises ingênuas sobre a questão do desemprego: "É preciso ter vontade de trabalhar que o emprego aparece" e "quem escolhe muito não arruma emprego". Do total, 28,5% acreditam que a atuação dos sindicatos é um fator negativo, pois as reivindicações contribuem para o desemprego.

Programa Integrar

Conceitos e objetivos



Sala de aula em Porto Alegre (RS)

O Programa Integrar foi criado a partir das resoluções aprovadas no 3º Congresso Nacional dos Metalúrgicos da CNM/CUT, realizado em agosto de 1995, com o objetivo de desenvolver e planejar a formação profissional e resgatar as relações entre sindicato e trabalhadores desempregados.

Não existia ainda uma discussão conceitual e pedagógica sólida, apenas avaliações sobre o desemprego e a reestruturação produtiva, o baixo grau de escolaridade da força de trabalho, a má-utilização de verbas públicas para os programas de requalificação e uma forte crítica à formação técnica compartimentada.

Havia também o entendimento de que um projeto de formação profissional — fosse para o desempregado ou para o empregado — deveria buscar a integração do trabalhador com a nova realidade da produção. Longe dos moldes de formação

como adestramento, o projeto teria que formar o trabalhador dentro de um amplo conceito de cidadania.

Como a avaliação era de que não havia ainda um projeto acadêmico significativo que abarcasse todas essas preocupações, o Programa Integrar foi construído a partir da outra ponta do problema: o próprio desempregado.

Assim, durante dois meses os coordenadores do Programa realizaram uma pesquisa informal entre trabalhadores desempregados que se concentravam em vários pontos de São Paulo, para aferir as expectativas desse segmento em relação a um curso de formação profissional. Os questionamentos dos trabalhadores levaram a três premissas básicas que nortearam a criação do Programa Integrar: o valor do conhecimento acumulado pelos traba-

lhadores em sua trajetória de vida; a formação técnica associada à certificação de primeiro grau, e a discussão sobre a questão da geração de emprego e

renda — já que uma das questões colocadas por eles era: porque qualificação se não há emprego?

Tensionar as instituições

Outra preocupação foi a de não transformar o Programa em um movimento de reivindicação por emprego e sim trabalhar no sentido de tensionar as instituições, inclusive o próprio sindicato, para que elas passassem a discutir o problema e procurassem alternativas de geração de novos postos de trabalho.

A idéia de tensionar as instituições está ligada à concepção de que não é tarefa da CNM/CUT desenvolver um projeto acabado de formação e requalificação profissional para o país.

Mesmo porque a solução do desemprego não está na formação profissional. E também não é um problema individual como geralmente é tratado. É de âmbito estrutural, fruto de um poder econômico excludente e não responsabilidade do trabalhador. Portanto, exige saídas coletivas.

Na condição de sindicato, a CNM/CUT está realizando, através do Programa Integrar, uma experiência pedagógica, pois os cursos oferecidos pelo governo e entidades como o Senai, além de não estimularem a consciência crítica do trabalhador, estão defasados ou não apresentam uma visão abrangente das transformações por que passa a indústria.

O Programa Integrar tem uma dimensão inovadora que vai muito além da certificação de primeiro grau e da formação profissional para os trabalhadores desempregados. Procura desencadear um processo de cidadania ativa. É o próprio desempregado que tensiona as instituições. Os alunos se reúnem para discutir alternativas, formulam propostas, procuram os poderes locais, o governo do estado, as universidades, criando um espaço de integração, organização e de efetiva intervenção na orientação das políticas públicas.

Geração de emprego e renda

A organização dos alunos produz iniciativas que buscam novos caminhos coletivos para favorecer a geração de emprego e renda. Foram organizados seminários em que se discutiu uma nova maneira de inserção produtiva. Os participantes elencaram temas e questões que poderiam ser considerados relevantes para a criação de frentes de trabalho. Deste modo, surgiu uma série de propostas, entre elas a redução da jornada de 8 horas, a



Reunião com empresários para a apresentação do Projeto de Pesquisa Participativa, em 9 de março deste ano. Porto Alegre (RS).

A história de uma idéia

A idéia do Programa Integrar surgiu em 1994: durante a avaliação de um curso de matemática realizado pela CNM/CUT, ainda nos velhos moldes, concluiu-se que a entidade não poderia compactuar com o entendimento tradicional de formação profissional. Era preciso uma proposta alternativa.

O Congresso Nacional da CNM/CUT de 1995 decidiu que a Confederação deveria assumir o tema da formação profissional em sua agenda, e desenvolver uma experiência piloto que norteasse sua ação. Foi então elaborado o Programa Integrar, aprovado pelos órgãos financiadores em 1996, envolvendo duas frentes de trabalho: formação dos trabalhadores empregados e requalificação dos desempregados.

Quanto aos empregados, está sendo realizada a Pesquisa Participativa junto a 15 empresas (cerca de 30 mil

trabalhadores), a partir da qual se dará o processo de negociação de percursos formativos adequados às necessidades dos trabalhadores dessas fábricas. A Pesquisa é um processo de levantamento de necessidades dos trabalhadores para acompanhar e interagir no processo de reestruturação produtiva. Ela é negociada com as fábricas e realizada por equipes de sindicalistas dessas empresas e com suporte técnico da Coppe/UFRJ.

Junto aos desempregados, o trabalho começou em 1997 com projetos em São Paulo, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. Além da criação de novos núcleos nesses estados, até maio deste ano o programa já se instalou no Pará e em Santa Catarina, totalizando 53 núcleos. Estão em curso negociações para implantação em Minas Gerais, Espírito Santo, Paraná e Amazonas.

reforma agrária, o incentivo à criação de médias e pequenas empresas, o envolvimento da comunidade local e a criação de cooperativas de produção e de consumo, às quais os trabalhadores desempregados e os que sobrevivem precariamente pelo trabalho incerto poderiam se associar.

Nesse contexto, o Programa Integrar se propõe sobretudo a construir um conjunto de ações que possibilitem ao trabalhador desempregado buscar alternativas e ser o agente da transformação. Isso se dá de várias formas: interferência nas políticas implementadas pelos governos muni-

cipais, estaduais e federal, na qualificação profissional, na construção de uma consciência crítica, no tensionamento das instituições e na capacitação técnica e intelectual exigida pelo processo produtivo moderno, além da preparação dos trabalhadores para participarem de forma ativa em projetos de geração de emprego e renda.

Concepção

Para desenvolver o Programa e buscar sustentação institucional, a CNM/CUT estabeleceu parceria com a Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo — que colaborou no desenvolvimento da metodologia pedagógica —, com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese) — na questão da reestruturação produtiva — e com a Coordenação de Programas de Pós-Graduação (Coppe) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que desenvolveu o sistema de avaliação e a área técnica de informática.

A proposta do Programa é de que os alunos assumam as rédeas de todo o processo educacional, através da “auto-educação”, na qual eles passam a ser formadores de si próprios. Para viabilizar essa metodologia, a primeira tarefa é ajudar os trabalhadores a se apropriarem do conhecimento universal acumulado, ou seja, do conhecimento que a humanidade vem construindo ao longo de sua existência. Mas há também a experiência específica dos trabalhadores, que é tratada como elemento concreto, sobre a qual também é planejada a construção do conhecimento.

Além disso, o curso leva em consideração a situação de desagregação por que passa o desempregado, fazendo um acompanhamento em grupo e individual, estimulando-os a se nuclearem e assim fortalecer a ação coletiva.

Os nossos

Princípios do Programa Integrar construídos

1. É dever do Estado garantir educação pública e de qualidade.

- Isso significa que nossos projetos serão um conjunto de experiências de balizamento teórico-metodológico que orientem nossa intervenção nas políticas públicas referentes à educação, especialmente em relação à proposta de Centros Públicos de Formação Profissional.

2. Os recursos públicos, além de serem utilizados de forma honesta, devem ser direcionados para ações que venham ao encontro dos interesses da classe trabalhadora

- A utilização de recursos públicos é vinculada a rubricas claramente determinadas, não podendo ser alocados para outros fins.
- O Fundo de Amparo ao Trabalhador - FAT até 1990 era gerido exclusivamente pelo governo. A gestão tripartite foi fruto da luta do movimento sindical. O Codefat, no qual os trabalhadores têm participação paritária, normatiza e libera recursos, porém, por decisão do próprio Codefat, o gerenciamento é do Ministério do Trabalho.
- Um grande volume de recursos públicos são apropriados pelo capital (Proer, Sistema S, financiamentos do BNDES, etc.), cabe ao movimento sindical a construção de propostas de grande relevância social que galvanizem amplos setores da sociedade e disputem essas fontes de financiamento.

3. O desemprego é uma questão político-econômica, fruto do atual modelo de desenvolvimento e não um problema pessoal ou de falta de formação.

- Em outras palavras, não são cursos de formação profissional que geram empregos, essa tarefa diz respeito ao

conjunto da sociedade que deve buscar alternativas a esse modelo de exclusão social.

- Isso quer dizer que eficiência e eficácia dos programas de formação profissional não podem ser medidas pelo número de trabalhadores desempregados que ao concluírem determinado curso de formação conseguiram se reinserir no mercado de trabalho. Eficiência e eficácia se verificam pela capacidade dos alunos trabalhadores de gerarem ações e sensibilizarem a sociedade local a buscar em conjunto alternativas ao desemprego.

- Em nossa concepção, os programas de formação profissional devem ser espaços de organização e debate de trabalhadores empregados e desempregados na busca coletiva de alternativas ao modelo de exclusão social.

4. Articulação entre formação/ação/construção da cidadania/fortalecimento do movimento sindical.

- A CUT é sindicato. Portanto, formação profissional deve estar vinculada ao plano de lutas da Central, ou seja, não é atividade isolada, nem pode ser implementada do ponto de vista escolar. Esse trabalho deve ser articulado com a ação política, cujo desdobramento se dá em pelo menos três grandes eixos:

Ação sindical visando o fortalecimento da organização nos locais de trabalho, a luta pela manutenção do emprego, a contratação coletiva e a capacitação de dirigentes.

Ação de cidadania objetivando a revitalização do movimento social, a qualificação dos sindicatos para intervenção nas políticas públicas e a luta contra o desemprego.

Ação pedagógica buscando a superação da concepção de treinamento ocupacional ou da formação

princípios

a partir das resoluções dos congressos da CUT

puramente instrumental e construindo um novo processo educativo.

5. Articulação da formação profissional com a certificação de primeiro grau.

- A modernização do processo produtivo coloca como requisito de profissionalização o grau de escolaridade, até os sistemas tradicionais de formação profissional reconhecem que a certificação de equivalência ao ensino formal, os programas que desenvolvem não respondem às necessidades exigidas pelo mercado de trabalho.
- Só o governo, na contramão, defende a separação do ensino técnico do formal. Nossos programas de formação, ao contrário, devem buscar a integração, a valorização do saber do trabalhador e a certificação de equivalência para todos os níveis do ensino formal, inclusive o 3º grau, antes que o capital o faça.
- Além disso, só com a certificação podemos garantir participação massiva com baixos índices de evasão.

6. Resgate e a valorização do saber do trabalhador.

- Significa considerar esse saber, construído na experiência de vida, de trabalho e de lutas, no processo de ensino-aprendizagem, no conteúdo curricular, no sistema de avaliação, inclusive com vistas à certificação de equivalência ao ensino formal.
- Nossos programas de formação devem incorporar militantes desempregados, cujo saber e experiência de lutas são imprescindíveis para essa proposta de trabalho.

7. Formação profissional não restrita ao domínio da máquina.

- A CUT propõe uma formação técnica articulada com a cultura geral.

O conhecimento técnico está referido ao conjunto de saberes entre os quais a história, a geografia, a matemática, ciências físicas e biológicas, gestão, comunicação e expressão. É o fruto da necessidade do desenvolvimento da humanidade e reflete o nível que o homem alcançou no processo de transformação da natureza.

8. Formação desenvolvida de maneira interdisciplinar, articulada por um eixo/fio condutor.

- Isso tem consequência direta na idéia da estrutura curricular dos nossos programas. Se entendemos que as áreas do conhecimento estão conectadas podemos pensar uma proposta curricular em que o saber possa ser construído de forma não compartimentada. Mais ainda, resgatamos a noção original do *curriculum*, que significa trajeto, incorporando a experiência de vida do trabalhador e de lutas no conteúdo do processo de ensino-aprendizagem. O currículo integrado é um percurso formativo.

9. O trabalhador como ser integral.

- A vida do trabalhador não se esgota no chão da fábrica, tem uma dimensão subjetiva, social e política.

10. Um projeto baseado nesses pressupostos deve ser entendido como algo em construção e que sofre limites impostos pelos métodos tradicionais de formação, portanto como um programa.

- Trata-se de desenvolver uma proposta com uma concepção política baseada em nossos princípios. Trata-se de uma luta política.

Na dimensão cultural, os alunos passam a entender melhor o significado da reestruturação produtiva e se conscientizar de que ele pode e deve lutar pela sua reinserção no mercado de trabalho a partir de uma nova postura. Procura assim capacitar os trabalhadores para poderem absorver conteúdos abstratos, raciocínios lógicos e a possibilidade de trabalhar com símbolos, gráficos, etc.

Na dimensão política, o Programa procura desenvolver um conjunto de ações que envolva o maior número de instituições e grupos sociais para enfrentar o desemprego, a precarização dos contratos de trabalho e as novas exigências de qualificação.

Currículo

Para atingir todos esses objetivos, foi necessária a construção de uma proposta metodológica de ensino, considerando a superação da prática de cursos isolados e dispersos e da formação compartimentada.

Desenvolveu-se como inovação metodológica a articulação de áreas técnicas e de conhecimentos gerais com a participação de um professor com domínio da sala de aula e do conhecimento formal e de um instrutor, que geralmente é um metalúrgico desempregado, eliminado da produção pelo processo de reestruturação produtiva.

Para garantir a frequência dos alunos, o Programa Integrar foi concebido com uma estrutura, flexível e integradora, considerando uma carga horária que permite uma formação de qualidade, mas capaz de modular os cursos, respeitando o tempo e o ritmo dos desempregados.

Ao mesmo tempo que proporciona a formação profissional e de primeiro grau, o Programa precisa levar em conta que os desempregados podem conseguir trabalhos temporários. Isto

é, ele precisa dispor de uma estrutura de curso modular que absorva interrupções temporárias, com a possibilidade de o curso ser implementado por etapas.

A flexibilidade também permite ao Programa se adequar às disponibilidades físicas de cada local e ser implantado de forma geométrica.

O Programa tem 14 módulos, num total de 700 horas e a previsão de desenvolvimento em dez meses. Tem uma estrutura em que, interrompido ao final de qualquer módulo, o curso pode ser retomado posteriormente sem prejuízo para o aluno, que então cursará os demais módulos.

Cada módulo tem como elemento gerador e articulador uma das chamadas áreas técnicas: Reestruturação Produtiva, Matemática Aplicada, Controle de Medidas, Leitura e Interpretação de Desenho ou Informática. Estas se articulam às áreas de saber geral - Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Geografia, História, Física, Química, Biologia e Matemática Básica - pela seleção de conteúdos e pela aproximação metodológica. Ou seja, o estudo de uma determinada área técnica envolve o conteúdo teórico de uma área de cultura geral. Assim, a Língua Portuguesa trabalha as várias linguagens e o cenário cultural brasileiro, associando a temática literária ao universo dos trabalhadores. A Biologia estuda a ecologia e a saúde do trabalhador, a Física e a Química estudam os fenômenos e as transformações dos metais, fundamental para a área da metalurgia, e assim por diante.

Além disso, as áreas técnicas estão articuladas às áreas de saber geral por conceitos desenvolvidos em cada módulo, através de cinco grandes temas: reestruturação produ-

Nossos objetivos

1. Desenvolver entre os desempregados a consciência de que podem e devem lutar pela sua reinserção no mundo do trabalho, descobrindo novas alternativas.

2. Oferecer subsídios de conhecimento que possibilitem a compreensão:

- da crise econômica mundial;
- do avanço da política neoliberal na condução das nações;
- do significado e dos efeitos da dependência econômica;
- do papel das novas tecnologias no processo de produção;
- da implantação da reestruturação produtiva nas empresas;
- da nova dimensão do sindicalismo.

3. Incentivar o estudo e a convivência grupal como condição de valorização da pessoa, permitindo o domínio de novos conhecimentos e a ampliação das relações de sociabilidade.

4. Situar a certificação de primeiro grau escolar no compromisso de estudo e de participação grupal e comunitária.

5. Evidenciar a nova feição do sindicato, hoje comprometido com a formulação de políticas para a formação profissional na direção da cidadania.

6. Trabalhar o conhecimento a partir de uma pedagogia social, do homem comprometido com seu tempo e de metodologia facilitadora da formação de consciências amadurecidas no sentido crítico.

7. Situar na ação grupal e na participação da sociedade civil organizada a busca de alternativas de trabalho e de luta pela superação das injustiças sociais.

8. Levar à compreensão de que o desemprego será mais bem enfrentado se houver um satisfatório domínio do conhecimento e um esforço organizado coletivamente para iniciativas de geração de emprego e renda.

tiva; globalização; impactos no mundo do trabalho; a cidade: o espaço urbano como espaço do cidadão; e implicações do progresso tecnológico.

Avaliação

O Programa Integrar rejeita a prática da avaliação do aproveitamento escolar com o propósito de simplesmente classificar o aluno pelo que ele aprendeu ou deveria aprender num determinado período. O que se analisa é a facilidade ou dificuldade que o aluno apresenta em adquirir informações, como ele as busca e elabora, se consegue ou não articular conteúdos, identificar a lógica do próprio pensamento, trabalhar o saber em razão da realidade social, criar soluções e analisar soluções dadas por outros. Coloca em questão o conceito de eficiência e eficácia de um curso de qualificação profissional. Procura avaliar o aproveitamento do trabalhador a partir de suas necessidades e expectativas e isso envolve questões relativas ao desempenho do ponto de vista das ações que foram geradas; do impacto nas instituições; da criação de laços de solidariedade entre desempregados; do estabelecimento de relações efetivas entre grupos de trabalhadores e centros de estudos e pesquisas, e organização de ações e eventos em que se discuta a dinâmica da reestruturação produtiva.

Uma prova que indique insuficiência de aprendizagem não é motivo para que se encaminhe uma reprovação. É antes de mais nada um alerta para retomada de conteúdos e busca de nova estratégia pelo professor enquanto o curso durar. A avaliação é, portanto, um instrumento para avaliar aluno e professor.



Leitura e interpretação de desenho. Trabalho de aluno (Diadema - SP)

Transformando vidas

Depoimentos / Trabalhos de alunos

“Quando a gente está desempregado, parece que fica doente, se sente fisicamente desanimado. Quando você começa a estudar, vai sendo preenchido um espaço vazio, oco. Conheci muitas pessoas, muitas outras experiências, vi que esse sentimento não era só meu. O mesmo estava acontecendo com muita gente. Aí vai havendo uma solidariedade, você vai ficando mais alegre, vai sentindo que ainda está

vivo. Depois do Integrar, minha vida mudou.” O depoimento do metalúrgico Benedito Jorge da Silva resume o primeiro e talvez um dos principais impactos do Programa Integrar na vida do desempregado. Benedito foi inspetor de qualidade da General Motors do Brasil e um dos 343 formandos do Programa no ano de 1997, pelo Núcleo de São José dos Campos (SP). Atualmente está desempregado.

Todos os alunos afirmam que o Programa foi fundamental para a busca de novas perspectivas. Tanto do ponto de vista pessoal, da desestruturação que o desemprego provoca, até a relação com a sociedade, pois passam a perceber que não são os culpados por essa situação.

Desempregado há 18 meses, o mecânico industrial Roni Ramos Garcia, 32 anos, aluno do Núcleo de

Transportes




Acordo bem cedo, solina meuar de um cidadão que tudo acredita que pode trazer algum novo modelo. Com vontade em lábios e sigilo em fútil, não quando chega ao estagio - hora de sua história está sempre falada, não se enche de e resata, não se enche de histórias de realidade, sempre está preocupado com isso, ninguém se interessa em fazer ou criar algo que possa vencer em situação de vida e tudo isso é muito realista.

Na página ao lado, crônica de Marinete Maria de Souza (Diadema - SP) ▶

◀ Narrativa construída a partir de texto, fotos e desenhos. Trabalho do aluno Mário de Freitas (Mauá - SP)

Médias

Dias atrás havia pensado em fazer de fumos, então resolvi ser uma jornalista frustrada pois era o único que me avisava. Tornando-se mais trabalhoso, pois, fazendo investigação e minha mente para que através dela não haja nenhuma esperança. Para conseguir a notícia, não vou falando para alcançar o meu ideal.

Passando, fazendo coisas com os amigos e dando a cidade de uma cara aluna ou coisa, logo adquire sua identidade e continua a trabalhar a sua vida.



Retorno



Este dia é um momento de minha família, pois consegui chegar na universidade e ser aceita no curso, de um dia um dia de um dia, não tenho nenhuma de esperar, mas não vou deixar isso, tenho a certeza de ser minha família Condição.



Lár Doce Lár



Hoje dia atarefado chega ao fim, minha energia acabou, mas consigo falar forte e minha satisfação é grande quando não tenho coisinha e ao chegar em casa encontro minha esposa de braços abertos e sorridente à me esperar, pois é um dia de um dia que acaba o meu cansaço e renova-se a minha energia para os dias seguintes.

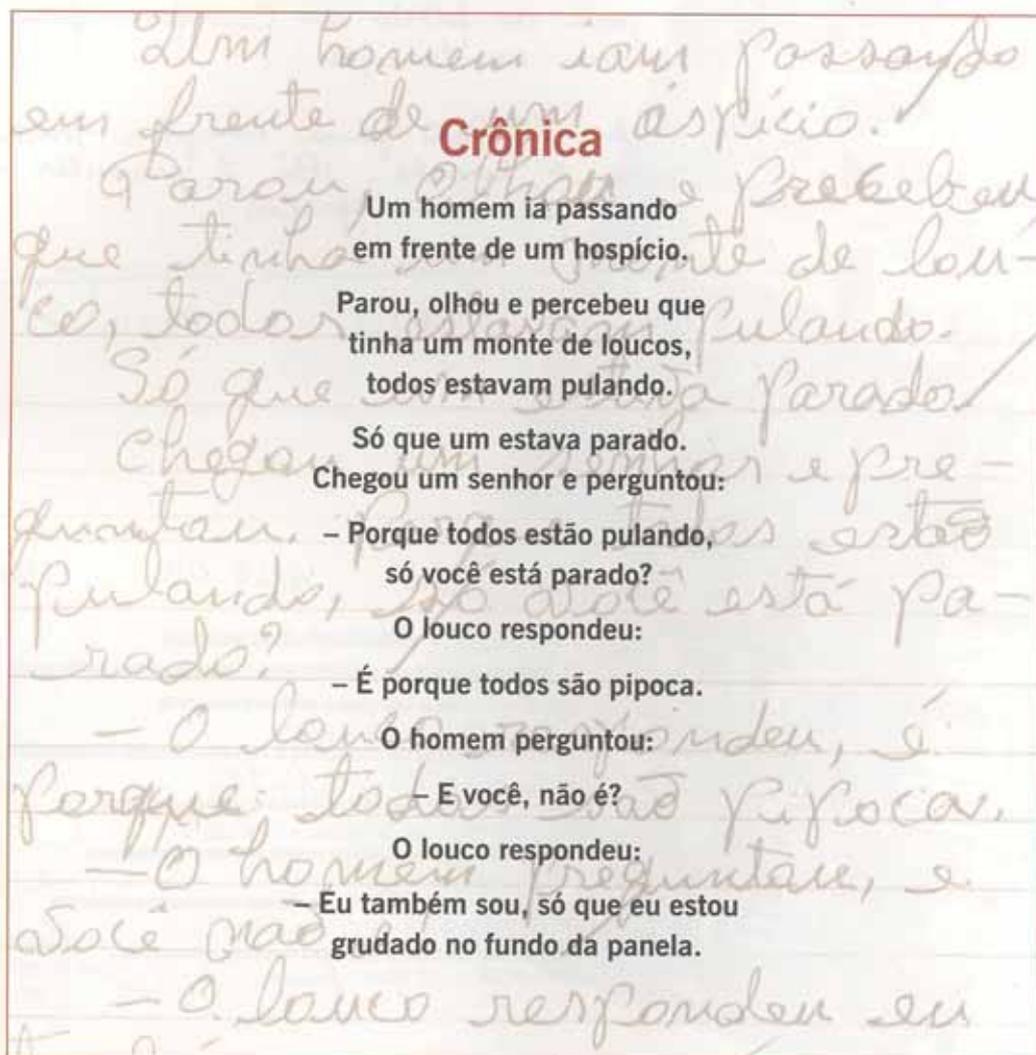
Him.

Charqueadas (RS), conta como o Integrar tem atuado na transformação das suas esperanças em relação ao futuro: "Não tenho trabalho fixo. Sustento a minha família com uns bicos que arrumo por aí. Quando eu cheguei ao Integrar, estava desesperado. Ninguém faz nem ficha se não tiver o primeiro grau. Como eu, desempregado, poderia pagar o curso? Por aqui, só tem supletivo particular. Agora que sei que vou conseguir meu diploma

de primeiro grau, me sinto mais tranquilo. Também está sendo importante tudo que eu estou aprendendo, tenho certeza de que vai ser útil quando eu conseguir emprego."

O resgate da dignidade pessoal e da auto-estima do trabalhador tem sido uma grande conquista do Programa. A trabalhadora metalúrgica desempregada Sulália Maria Pereira dos Santos, aluna do Núcleo Zona Sul em São Paulo (SP), resume o senti-

mento resgatado pelo Integrar: "O Programa superou as minhas expectativas. Posso dizer isso com a maior certeza, pois através dele eu pude me realizar como pessoa e de novo como estudante, um sentimento que eu já tinha esquecido. Tem uma coisa que, dizem, é difícil tirarem de você, da gente, que é o sonho. Mas com o tempo, acabaram roubando até isso. Com o Programa Integrar, eu voltei a sonhar e a tentar realizar meus sonhos."



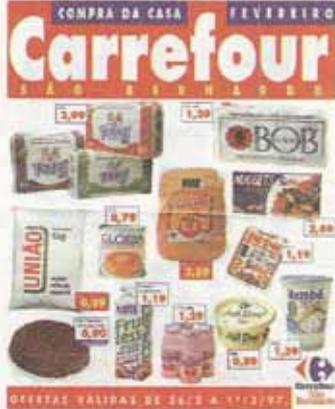
Para o metalúrgico desempregado Alfredo Dias de Almeida, 40 anos, aluno e colaborador do Núcleo de Mauá (SP), o Programa "significa uma reintegração na sociedade, pois quando a pessoa perde o emprego ela fica marginalizada. Antes, eu vivia dentro da fábrica e só tinha contato com esse pessoal. Hoje eu tenho contato com todos na rua e acabo conhecendo o outro lado das pessoas, nos movimentos, no bairro, e isso é o mais importante."

Direito à cidadania

Entre os objetivos do Integrar está a conscientização do trabalhador desempregado de que ele pode e deve lutar pela sua reinserção social e profissional. Para isso, é indispensável compreender o mundo que o cerca, principalmente os efeitos da globalização, que alteram as relações de produção e comerciais além da implantação de novas tecnologias nas indústrias, que extingue velhas profis-

sões e abre outros tipos de ocupação. Essa nova realidade e o papel dos trabalhadores dentro desse quadro em constante mudança passa a ser percebido pelos alunos.

"Fazia tempo que eu queria voltar a estudar mas nunca dava. As coisas começaram a ficar difíceis para quem não tem o primeiro grau. É difícil arrumar um emprego melhor. Eu comecei o curso com muito medo de não conseguir aprender nada. Fui



6) De posse do folheto do Carrefour faça algumas combinações:

a) Tenho R\$10,00 para comprar produtos para o lanche. Dê 3 produtos e marque seus preços:

SALSICHA	NU OATS FRANGO	Faustos
R\$ 1,19	R\$ 2,69	R\$ 1,19

▲ Exercício de Matemática do aluno Gerônimo Neri de Oliveira (São Bernardo do Campo - SP)

Fernando Badaró SALA 09 11/02/98

ENGLISH TEST - TESTE DE INGLÊS

1. PASSE AS FRASES PARA O TEMPO VERBAL INDICADO ENTRE PARÊNTESES.

A-) I like to study english. (PASSE PARA O PRESENTE NEGATIVO).
 I ~~like~~ ^{don't like} to study english.

B-) The teacher will write the test. (PASSE PARA O FUTURO DO PRETÉRITO AFIRMATIVO).
 The teacher ~~will write~~ ^{would write} the test.

C-) You don't speak english very well. (PASSE PARA O PASSADO NEGATIVO).
 You ~~didn't speak~~ ^{didn't speak} english very well.

D-) They would not receive money. (PASSE PARA O PRESENTE AFIRMATIVO).
 They ~~would receive~~ ^{will receive} money.

E-) I don't repeat this again. (PASSE PARA O FUTURO DO PRETÉRITO NEGATIVO).
 I ~~don't repeat~~ ^{won't repeat} this again.

F-) You won't meet your friend. (PASSE PARA O FUTURO AFIRMATIVO).
 You ~~will meet~~ ^{will meet} your friend.

▶ Teste de inglês do aluno Fernando Badaró (Santo André - SP)

percebendo que tudo era muito diferente do que eu havia aprendido nas outras escolas. Aprendi muito. Além de matemática, português, aprendemos muito sobre cidadania e direito do trabalhador." É assim que a operária Marli Modesto, aluna do Núcleo de Matão (SP), percebe os novos horizontes que o Programa abriu para ela. "É um apoio aos desempregados. Aprendemos matérias que jamais aprenderíamos nas escolas públicas.

A história que aprendemos aqui, é a história que interessa ao trabalhador que sempre foi dominado pela sociedade capitalista."

A desempregada Telma Sposaro Moraes Vitor, do Núcleo São Bernardo do Campo (SP), também avalia que houve uma mudança na sua forma de perceber a realidade depois que começou a participar do Programa: "Na época em que eu estava na escola não tinha nada desses assuntos do jeito que

a gente estudou aqui, só descobrimos do Brasil, Tiradentes. Aqui a gente aprendeu História direito, e falaram muito sobre terceirização, globalização e automação."

Fátima Maria Mendes Maia, aluna do mesmo núcleo, tem opinião semelhante sobre o curso: "As matérias que a gente estudou estão muito além do cotidiano. Para o trabalhador desempregado é muito importante, porque ele vai preparado quando conse-



Leitura e interpretação de desenho. Trabalho de aluno (Santo André - SP)

guir uma vaga. Já está sabendo tudo sobre reestruturação produtiva e o que está acontecendo nas fábricas.”

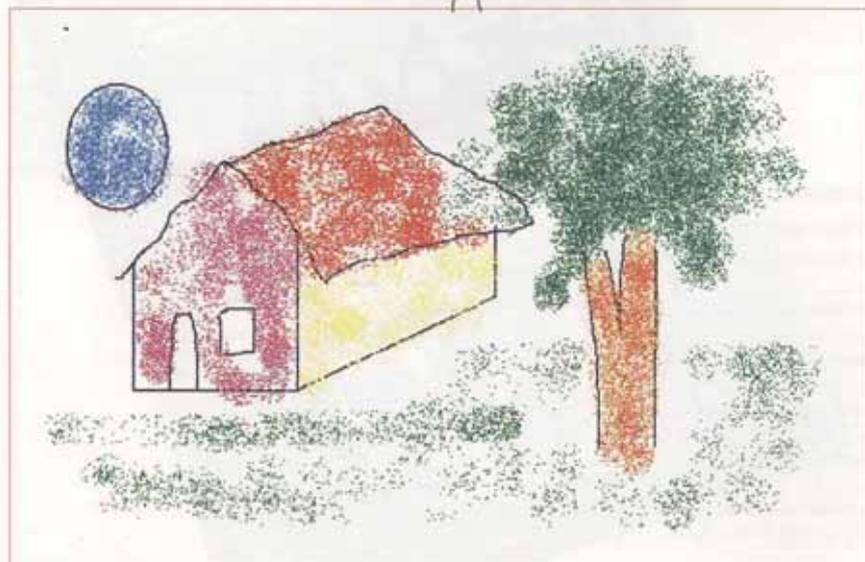
Qualificação

“Apesar da minha experiência na indústria metalúrgica, estou desempregado há um ano. Hoje, eles nem entrevistam quem não tem o primeiro grau completo. Outro dia, eu fiz inscrição numa empresa e junto comigo estava um garotão que nunca ti-

nha trabalhado, mas tinha o segundo grau completo. Entre a prática e a teoria, venceu a teoria. Eu continuo desempregado.” É dessa forma que Luiz Antônio Sinsqui, soldador, torneiro mecânico, tem sofrido com um mercado de trabalho cada vez mais exigente. Ele é aluno do Núcleo de Erechim (RS) e está desempregado há cerca de um ano.

Ao certificar o trabalhador com o diploma de primeiro grau, o Inte-

grar atende a uma das exigências das indústrias, em especial a metalúrgica, para reinserção no mercado. Na nova forma de organização do trabalho que está se instituindo, a escolaridade é fundamental, pois capacita os trabalhadores para superarem os desafios da produção no que se refere à agilidade de raciocínio, capacidade de abstração, pensamento lógico e organizado. O Integrar ainda capacita tecnicamente por meio de aulas



Oficinas de informática.
Trabalhos de Tairony R.
Canuto Sena de São José dos
Campos (SP), aluno de
Sorocaba (SP); e cartão de
aluno de Santo André (SP).

Na página ao lado, trabalho
de aluno de Sorocaba (SP)



como interpretação de gráficos e desenhos, informática, controle de medidas, etc.

Para o serralheiro desempregado Alair da Silva Leite, de 42 anos, aluno do Núcleo de Nova Friburgo (RJ) a certificação é o aspecto mais importante. "Eu perdi meu emprego porque passei a vida dentro da fábrica e não tive tempo de estudar, de conseguir uma qualificação melhor. Agora isso não vale nada. Eu acho

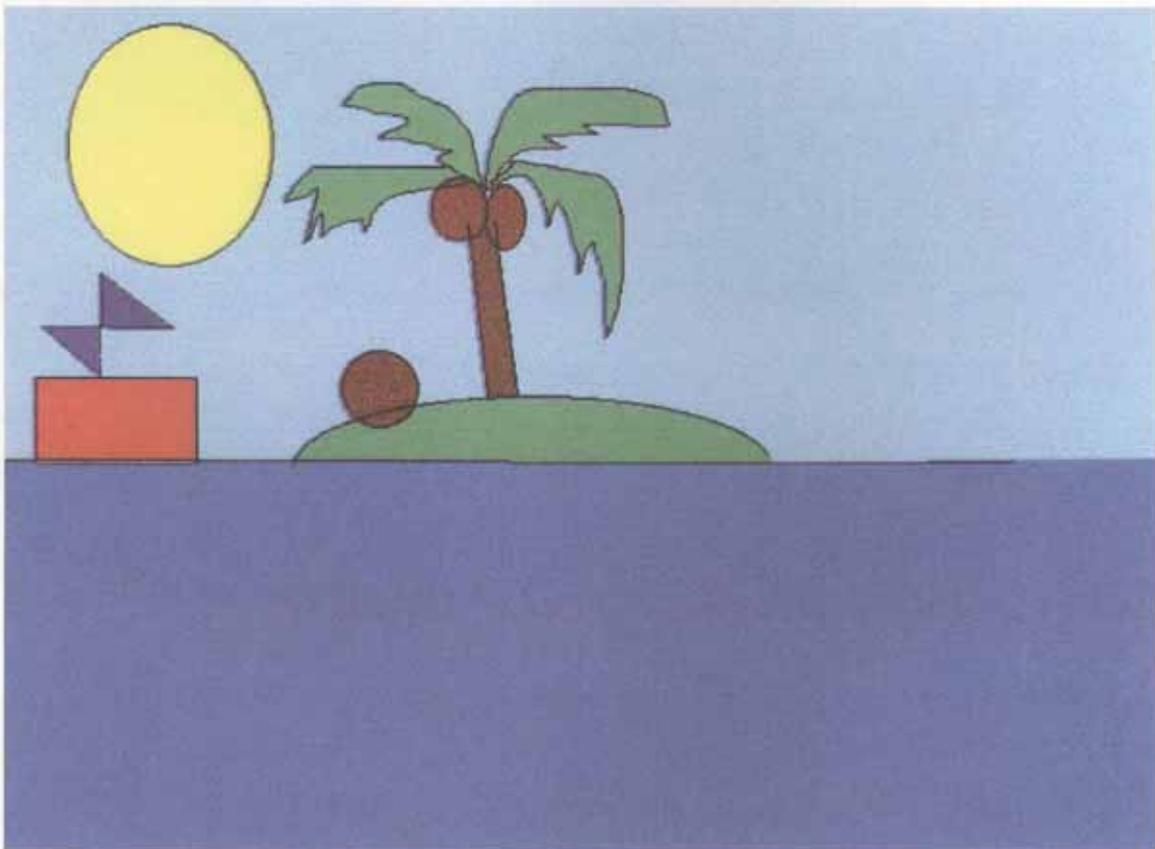
que o diploma pode me abrir algumas portas, porque eu ainda preciso trabalhar."

Novos Horizontes

Contudo, o Programa Integrar não tem a pretensão de ser uma escola de formação para a indústria. Pretende que o trabalhador desempregado compreenda as transformações que estão ocorrendo no mundo que o cerca e o impacto que causam em sua

vida. Dessa maneira, forma um trabalhador mais consciente da sua responsabilidade em promover mudanças sociais e de lutar por seus direitos, além de participar de projetos de geração de emprego e renda a partir de uma ótica de cidadania.

Os alunos buscam alternativas coletivas ou individuais, como é o caso do ex-metalúrgico Clóvis dos Santos Sabino, 39 anos. Ele transformou um antigo trabalho, que anterior-



mente complementava sua renda familiar, em sua principal fonte de ganhos. Desempregado da indústria, atualmente Clóvis dedica-se a dar aulas de artesanato e à produção e comercialização de sapatos manufaturados: "Foram muito significativas as reuniões que fizemos durante o curso com pessoas que nos deram muitas informações e que nos ajudaram a formar uma nova visão do mundo, não só em relação ao estu-

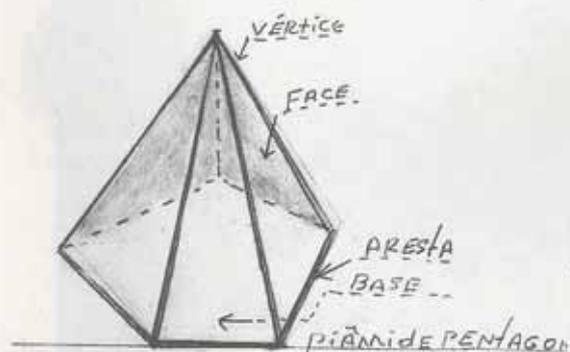
do, mas também sobre a economia do país. Outra coisa importante que aprendemos foi sobre a reestruturação produtiva. Também tenho claro para mim o seguinte: se a pessoa tiver um certificado e não se aprofundar nunca na sua área, naquilo que estudou, é impossível conseguir um emprego adequado."

A dona-de-casa Rita de Cássia Rodrigues Figueira, de 34 anos, diz que o Integrar foi a melhor coisa que

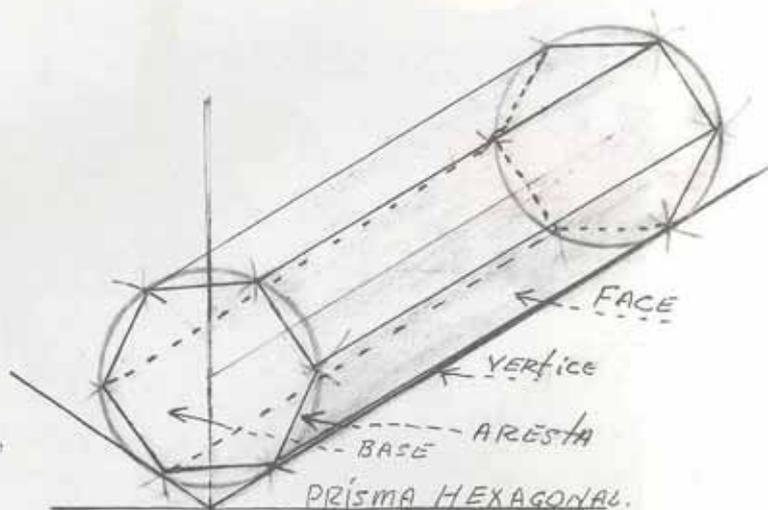
aconteceu em sua vida depois que ficou viúva. "Agora é que eu estou percebendo os prejuízos de meu marido não ter me deixado estudar nem trabalhar. Em todo lugar que eu peço emprego tem que ter o primeiro grau. Se a pessoa não tem, não consegue trabalho. Se não tem experiência é pior ainda. Acho que agora mais portas serão abertas. Só o fato de dizer que estou freqüentando uma escola já ajuda. Várias pessoas já disseram

Na página ao lado,
composição sobre
malha geométrica do
aluno Luiz Gomes
do Nascimento
(São Bernardo
do Campo - SP)

Leitura e interpretação
de desenho: sólidos
geométricos de
Zaqueu Araújo Alencar
(Diadema - SP).



PÍRAMIDE PENTAGONAL,
SUA BASE É UM PENTÁGONO E
SUAS FACES SÃO TRIÂNGULOS.



PRISMA, SUAS BASES SÃO HEXÁGONOS E
SUAS FACES SÃO RETÂNGULOS.

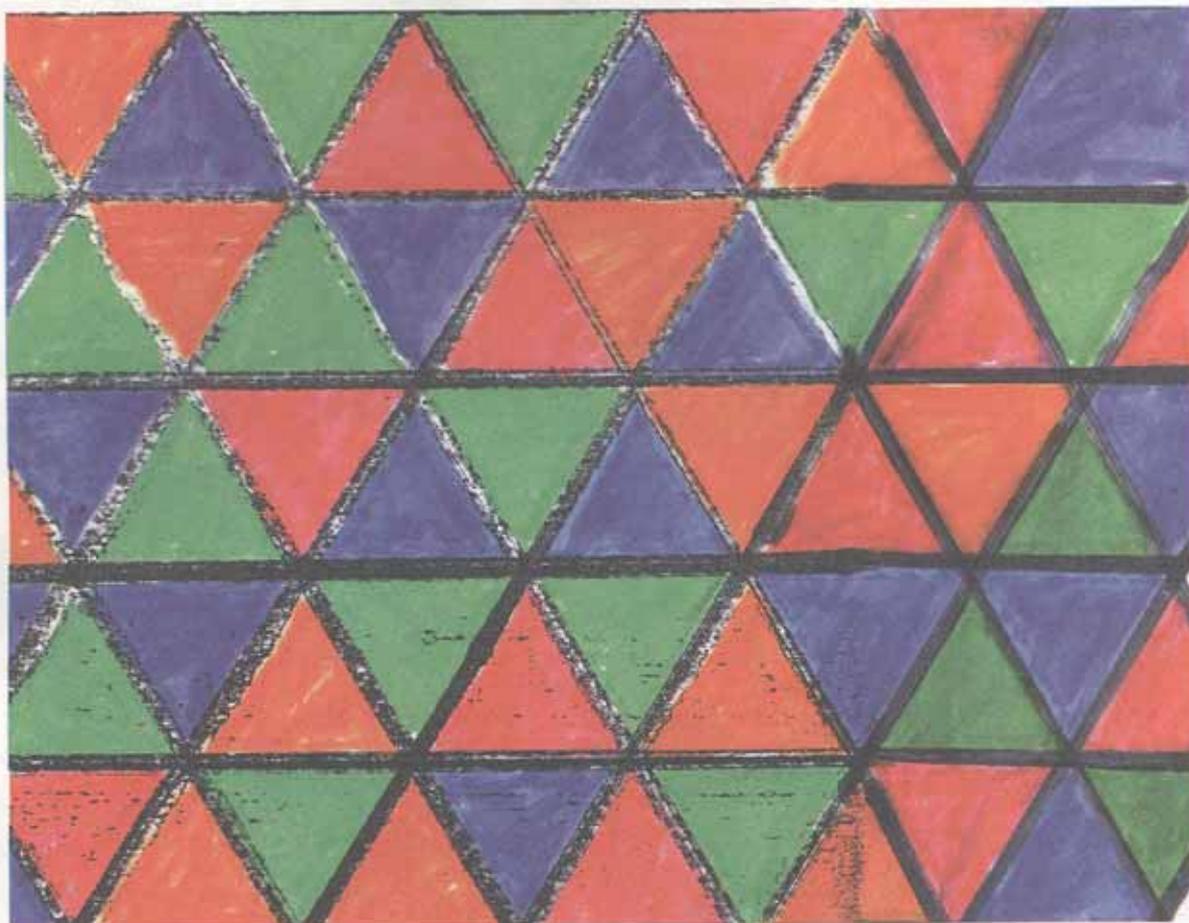
para eu voltar quando tiver o diploma na mão. Mas eu não quero parar por aqui, não. Eu aprendi que tenho que lutar por uma coisa melhor, pelos meus ideais. Estudar é bom para tudo: até para falar com os meus filhos está mais fácil. O que eu quero agora é terminar para fazer o segundo grau, estudar enfermagem. Esse sim é um grande sonho. E isso só está sendo possível porque estou aqui, no Integrar.”

Equivalência

Na certificação do primeiro grau, o Integrar procura resgatar e valorizar o saber acumulado pelo trabalhador, construído na sua experiência de vida, de trabalho e de lutas, no processo de ensino. Esse conhecimento é aproveitado no conteúdo curricular, no sistema de avaliação, com vistas à equivalência ao ensino formal. Ou seja, ensina o indivíduo a apropriar-se desse conhecimento previamente adquiri-

do, e reverter isso em seu próprio benefício. Dessa forma, todos os alunos sentem-se parte integrante da construção do conhecimento, um pouco professores, capazes de transmitir essa experiência a outras pessoas.

Esse sentimento de participação dá o tom a diversos depoimentos de alunos trabalhadores do Programa, como é o caso do metalúrgico Valdomiro Fernandes, de 47 anos, aluno do Núcleo de Nova Friburgo (RJ), de-

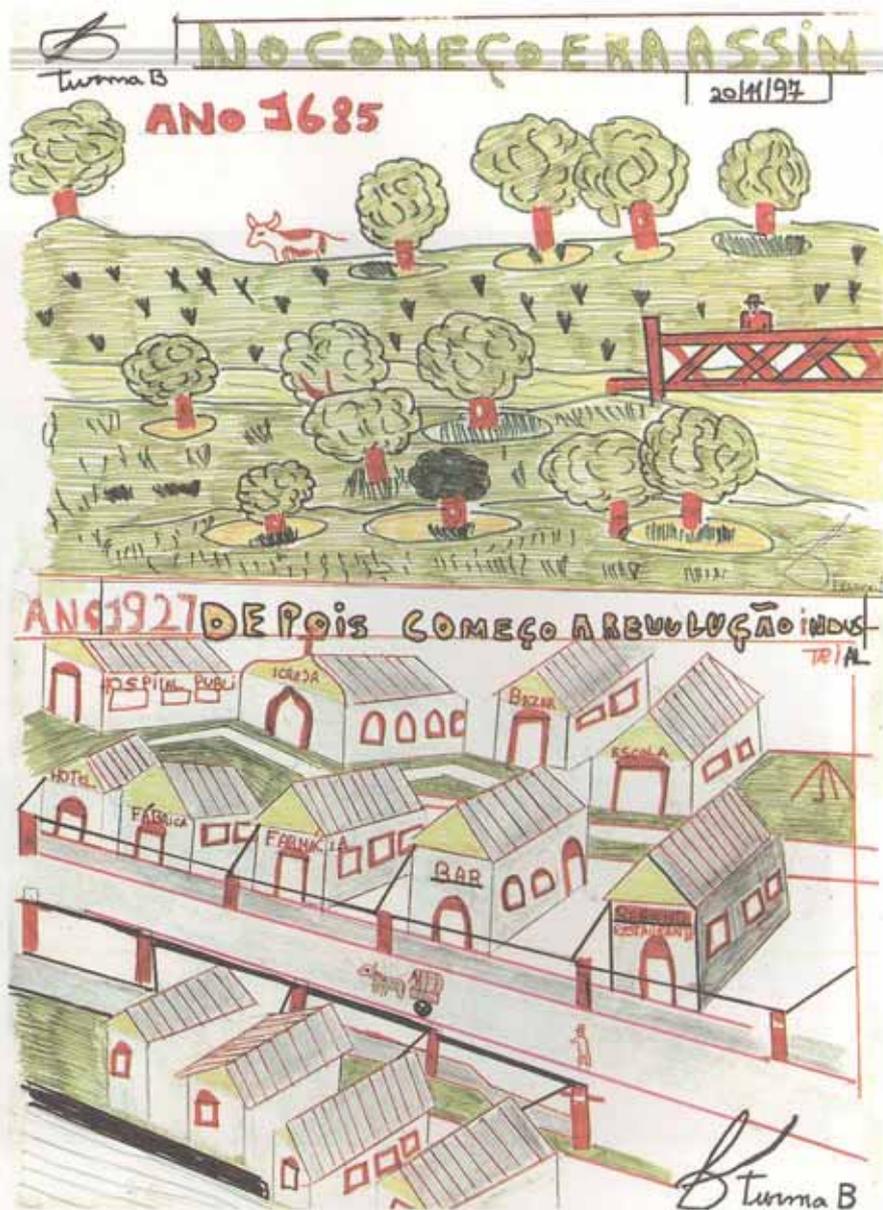


sempregado há um ano e dois meses: “Eu tive que começar a trabalhar muito cedo. Naquela época, era tudo mais difícil, não tinha horário na escola para quem trabalhava. Então, posso dizer que não tive tempo de estudar. Isso já foi motivo de muita vergonha para mim, antes de entrar no Integrar. Eu mal conseguia preencher uma ficha numa empresa sozinho. Agora dá até para ajudar os outros. O mais importante nisso tudo

foi que eu percebi que o meu tempo de fábrica não foi perdido. Eu aprendi muita coisa na prática que agora eu estou usando nas aulas.”

A declaração do aluno mostra o acerto da proposta do Programa que procura articular a formação técnica com a área de conhecimentos gerais. Em outras palavras, o chamado “conhecimento técnico” - Reestruturação Produtiva, Matemática Aplicada (Controle de Medidas), Leitura e

Interpretação de Desenho e Informática - integra-se ao conjunto de saberes “formais”, como História, Geografia, Matemática, Ciências Físicas e Biológicas e Comunicação e Expressão. Para que essa relação seja mais facilmente apreendida pelo trabalhador que está na sala de aula, são estabelecidos durante o curso temas gerais de reflexão e debate, relacionando, através destes, cada área técnica ao saber geral.



Trabalho do aluno Luciano Salerno, do Núcleo de Nova Friburgo (RJ)

Para a prensista Maria Inês Petek Costa, 37 anos, essas ligações entre os diversos campos do saber foram aprendidas durante diversas atividades promovidas no Núcleo de Ribeirão Pires (SP), onde estuda: “Os momentos mais marcantes do Programa Integrar para mim foram os debates, como aquele das mulheres. Eu aprendi a falar mais e melhor sobre a condição da mulher hoje, além de coisas importantes sobre prevenção

e saúde. Um momento muito importante foi quando eles estavam falando de compartilhar tarefas entre marido e mulher. Porque muitas vezes a gente trabalha fora e até duas vezes mais do que o homem. Isso pode gerar estresse e outras coisas. Enquanto isso, o homem trabalha fora, chega em casa e fica vendo televisão. Isso é errado: o marido tem que saber dividir o trabalho doméstico com a esposa. Agora, tanto meu

marido quanto meus filhos dividem o trabalho de casa comigo. Outra atividade importante foi o trabalho sobre as novas tecnologias. A gente colocou recortes de revistas e jornais de como era antigamente e como é agora. Como a tecnologia foi avançando. Por exemplo, nos hospitais antigos era tudo muito simples, e hoje está tudo modernizado. Eu gostei dessa parte porque meu sonho é um dia ser enfermeira.”

SECULO FUTURO CHEGOU

Data 20/11/97

1997
TURMAB



Articulação nacional contra o desemprego

Avaliação dos coordenadores estaduais

Com um total de 53 núcleos que atendem 106 turmas, o Programa Integrar está implantado em cinco estados: São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, e mais recentemente Santa Catarina e Pará. O Programa tem dois eixos, o Nacional que atua na formação de trabalhadores empregados e os projetos estaduais, de requalificação profissional de trabalhadores desempregados. Cada estado tem um coordenador, que é responsável por implantar as salas de aula, desenvolver as parcerias, planejar, coordenar e acompanhar as discussões sobre reestruturação produtiva, seu contexto histórico e alternativas no mercado de trabalho.

Em cada localidade, o coordenador busca envolver sindicatos, entidades da sociedade civil, empresários e governo, articulando ações juntamente com professores, instrutores e alunos. De acordo com Nelson Nakamoto, coordenador Pedagógico Nacional, o desemprego não é um problema individual e, portanto, o Programa estimula a discussão cole-

Programa Integrar		
	núcleos	turmas
São Paulo	23	46
Rio de Janeiro	13	26
Rio Grande do Sul	10	20
Pará	4	8
Santa Catarina	3	6
total	53	106

tiva, tensionando as instituições, inclusive os próprios sindicatos a buscarem soluções e novos caminhos. Mais do que proporcionar a qualificação profissional o Programa Integrar é um espaço de organização do trabalhador desempregado e de intervenção institucional.

“Quem acha que a formação profissional é a solução vai ter que responder aos desempregados por que é que não há empregos. É preciso mais do que isso. Veja o que aconteceu em Santo André (SP): os alunos consideraram importante encaminhar propostas para o Orçamento Participativo Municipal, garantindo assim recursos para geração de emprego e renda. Em Matão (SP) foram para cima da Prefeitura e conseguiram a promessa de doação de um terreno para a criação

de uma cooperativa”, diz Nakamoto.

O Programa adquire com isso uma “dimensão de cidadania ativa”, com um novo conceito de formação profissional e de eficiência e eficácia, além de integrar o ensino formal e técnico. “Traz uma grande inovação: as áreas técnicas são integradas às áreas de conhecimento geral e o currículo é desenvolvido por dois professores. Um é da rede oficial e o outro é um metalúrgico desempregado, que foi excluído pelo processo de reestruturação produtiva”, explica Nakamoto.

Em relação à avaliação do curso, ele diz que deve ser feita a partir da capacidade que o núcleo tem de tensionar as instituições e encontrar alternativas. Aponta como exemplo as oficinas pedagógicas, que reuniram milhares de trabalhadores: “Fizemos uma oficina no Rio Grande do Sul que juntou mais de 2 mil trabalhadores. No Rio de Janeiro cerca de 8 mil. Isso está acontecendo justamente no momento em que o sindicato tem grandes dificuldades de organização até para discutir campanha salarial.”



Wilson Roberto Cavedem, o Tetéia, coordenador do Projeto São Paulo

O Programa começou em São Paulo a partir da iniciativa da CNM/CUT, que procurou a Pontifícia Universidade Católica (PUC) para desenvolver a metodologia de ensino. Com a parceria entre universidade, poder público e o movimento sindical foi possível a criação do curso em 1997.

Foram implantados 12 núcleos e os frutos dessa iniciativa foram colhidos em dezembro do mesmo ano, quando os primeiros formandos (342 alunos) receberam seus diplomas de primeiro grau em cerimônia realizada no Centro Esportivo dos Bancários. Hoje, já existem 23 núcleos em atividade no estado, localizados em 18 cidades, incluindo a capital paulista.

Wilson Roberto Cavedem, coordenador do Programa no estado de São Paulo, acredita que uma das principais qualidades do Integrar é fazer com que os próprios desempregados possam discutir sua situação e interferir de forma decisiva para transformar seus destinos. Defende que o

São Paulo

curso deve capacitá-los para uma atuação organizada na sociedade. "Toda a metodologia e o conteúdo do curso leva os trabalhadores a uma discussão sobre a geração de emprego e renda. Por isso, abriu-se um espaço para eles levantarem propostas. Isso gerou uma demanda para a CNM/CUT no sentido de orientar politicamente essas iniciativas, pois ficou claro que era possível organizar os trabalhadores não só dentro da fábrica, mas também fora dela", diz Cavedem.

O coordenador afirma que com o desenvolvimento do curso, os trabalhadores começam a perceber que o desemprego está relacionado a uma questão estrutural muito maior, colocando um desafio: a ampliação da ação sindical que o Programa propicia. Ele diz que todo esse movimento dos alunos em busca de alternativas começou a despertar dentro do movimento sindical as potencialidades do Programa. "Na área educacional, queremos convencer o Estado de que este é o modelo metodológico de educação de adultos, que funciona a partir das experiências dos próprios trabalhadores, associando-as ao ensino formal. Na área de políticas econômicas, queremos convencer o Estado de que existe uma massa de trabalhadores sem espaço, excluídos da sociedade. Hoje o movimento sindical começa a enxergar que o Programa tem condições de confrontar essa realidade".

No estado de São Paulo, o Programa Integrar conta com a parceria do

Dieese, que desenvolve estudos sobre a reestruturação produtiva, a PUC, responsável pela metodologia de ensino e a Escola Técnica Federal de São Paulo, que possibilita a certificação de primeiro grau aos alunos.

Também participam do Programa a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com estudos sobre geração de emprego e renda, a Universidade de São Paulo (USP), através da Faculdade de Educação, com um trabalho de avaliação política do curso e a Unitrabalho. O financiamento é feito pelo Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), órgão do Ministério do Trabalho e com recursos da Secretaria Estadual de Emprego e Relações do Trabalho.

Projeto São Paulo		
	núcleos	turmas
Bauru	1	2
Caçapava	1	2
Cajamar	1	2
Cubatão	1	2
Diadema	2	4
Itu	1	2
Matão	2	4
Mauá	1	2
Pindamonhangaba	1	2
Ribeirão Pires	1	2
Salto	2	4
Santo André	1	2
Santos	1	2
São Bernardo do Campo	1	2
São José dos Campos	1	2
São Paulo	2	4
Sorocaba	2	4
Taubaté	1	2
total	23	46



*Carlos Manoel Costa Lima,
coordenador do Projeto Rio de Janeiro*

No estado do Rio de Janeiro, o Programa Integrar começou com uma grande discussão entre os sindicatos em março de 1997 e em setembro foi assinado um contrato com a Secretaria Estadual do Trabalho e Ação Social para financiamento do curso, além dos recursos do FAT. Num primeiro momento foram realizadas oficinas com a participação de cerca de 8 mil trabalhadores e foi iniciada uma experiência-piloto do Programa com a abertura do Núcleo de Nova Friburgo. Hoje, o Programa Integrar já está fixado em oito municípios e em breve será estendido para outras cinco localidades. Até o final do ano estará consolidado em cerca de 25 cidades do estado. A perspectiva é de que pelo menos 18 mil trabalhadores possam participar de alguma atividade do Programa no estado ainda este ano, através das oficinas pedagógicas e da participação dos alunos no curso regular.

O coordenador do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

ro, Carlos Manoel Costa Lima, destaca que o Integrar alcançou uma aceitação muito grande, causando inclusive uma "polêmica agradável" nos centros acadêmicos, centros de informação, instituições e na própria Secretaria de Estado. "Ele é considerado um dos grandes programas do Rio de Janeiro". Lima diz que o Integrar conseguiu aproximar sindicatos, associações, entidades patronais, religiosas e educacionais e que está sendo apoiado por diversas organizações democráticas e populares.

Ele afirma que a maior surpresa foi a solidariedade despertada com a implantação do curso. "Do ponto de vista prático, os alunos conquistaram cestas básicas, pois alguns empresários se propuseram a participar de oficinas e ali foram convencidos de que tinham que dar a sua contribuição. Entre os alunos também há uma grande solidariedade. Os que têm ocupação ajudam os demais para que não deixem de frequentar o curso, as oficinas e outras atividades".

No entanto, diz que no início houve uma certa resistência dos sindicatos, pois era visto como mais um programa como tantos outros. A situação começou a mudar depois de sua implantação. "Todos os sindicatos de uma maneira ou de outra já tiveram experiências com vários programas, mas a partir da participação ativa dos desempregados e de todo o processo que isso acarreta, os sindicatos vêm se envolvendo de forma espantosa". De acordo com

Lima, os sindicatos passaram a ter vida. Não só na luta por aumento de salários, mas também com a participação efetiva na formação dos trabalhadores.

As parcerias no estado do Rio de Janeiro foram firmadas com a Ampe (Associação de Médio e Pequenos Empresários), com o objetivo de constituir um grupo de trabalho para tratar da questão específica de geração de emprego e renda, com a Escola Técnica Federal de Química do Rio de Janeiro e com a Escola Técnica Federal de Metalurgia de Campos, responsáveis pela certificação de primeiro grau dos alunos.

O Programa também está buscando parceria com a Escola Sete de Outubro para desenvolver a Pesquisa Psicossocial e Socioeconômica no estado, além da Unitrabalho para envolver as universidades na avaliação geral do projeto e acompanhamento do curso.

Projeto Rio de Janeiro

	núcleos	turmas
Angra dos Reis	1	2
Barra do Piraí	1	2
Barra Mansa	1	2
Duque de Caxias	1	2
Niterói	1	2
Nova Friburgo	1	2
Nova Iguaçu	1	2
Petrópolis	1	2
Resende	1	2
Rio de Janeiro	2	4
São Gonçalo	1	2
Volta Redonda	1	2
total	13	26



Marco Maia, coordenador do Projeto Rio Grande do Sul

O Programa Integrar foi implantado no Rio Grande do Sul em outubro de 1997, com a criação do Núcleo de Porto Alegre, logo após a experiência bem-sucedida de São Paulo. Atualmente, está presente em 23 cidades gaúchas, sendo dez com cursos regulares e treze onde foram apenas desenvolvidas oficinas pedagógicas, atingindo um total de 16 mil trabalhadores. As oficinas pedagógicas incluem discussões sobre geração de emprego e renda e desenvolvimento sustentável, envolvendo os movimentos sociais e entidades, numa perspectiva fundamentalmente de ação sindical em busca de alternativas coletivas ao desemprego.

Na primeira etapa de implantação do Programa houve um trabalho de formação de formadores, como nos outros estados. Professores, responsáveis locais e instrutores participaram de debates, aulas e palestras para conhecer mais profundamente o movimento sindical e suas demandas, com o objetivo de estabelecer parâ-

Rio Grande do Sul

metros para a condução dos trabalhos em sala de aula e nos núcleos.

Marco Maia, coordenador do Rio Grande do Sul, considera um fator preponderante a qualificação da equipe do Programa Integrar na execução e no sucesso alcançado pelo projeto. "Tanto que para a segunda etapa já foi incluído, dentro da proposta apresentada à Secretaria Estadual do Trabalho, um programa específico de capacitação de professores e instrutores", diz.

Na avaliação do coordenador, um dos pontos positivos do Integrar é o alto grau de participação dos trabalhadores: "No início tínhamos dúvidas se conseguiríamos mobilizar o número de pessoas que estava previsto no Programa. Mas, logo na primeira oficina pedagógica, em que se discutiu uma política de geração de emprego e renda, participaram mais de duas mil pessoas, número superior às metas estabelecidas por nós", afirma Maia.

Ele acredita que o Programa Integrar abriu novas perspectivas para o movimento sindical. "Acho que o Integrar é responsável por aquilo que há de mais novo, mais interessante e revolucionário no movimento sindical. Precisamos construir novas propostas, dialogar muito com a sociedade, com os trabalhadores, com aqueles que estão excluídos do mercado de trabalho. E o Integrar está cumprindo hoje esta função", conclui Maia.

Na área de consultoria e assessoria na realização de oficinas pedagógicas e estudos sobre geração de emprego e renda, o projeto conta no

Rio Grande do Sul com a colaboração do Dieese. Também estabeleceu parceria com as seguintes entidades de ensino: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade de Passo Fundo, Universidade de Ijuí, além da Fundação Unitrabalho, que são responsáveis pela elaboração dos cadernos curriculares e pela orientação do curso em sala de aula. Conta ainda com a parceria da Escola Sul, que pertence à CUT e atua na área de formação de trabalhadores. Para aprofundar a discussão sobre a reestruturação produtiva, o Programa Integrar tem o apoio do Centro de Assessoria Multiprofissional (Camp), uma organização não-governamental que trabalha com o movimento sindical. A Escola Técnica Federal de Pelotas e a Escola Mesquita, que pertence ao Sindicato dos Metalúrgicos de Porto Alegre, ajudam na elaboração do currículo e especificamente nas áreas de Desenho Mecânico, Leitura e Interpretação de Desenho e Controle de Medidas.

Projeto Rio Grande do Sul

	núcleos	turmas
Canoas	1	2
Caxias do Sul	1	2
Charqueadas	1	2
Erechim	1	2
Novo Hamburgo	1	2
Passo Fundo	1	2
Porto Alegre	1	2
Santa Maria	1	2
São Leopoldo	1	2
Sapiranga	1	2
total	10	20



Sullivan Ferreira Santa Brígida, coordenador do Projeto Pará.

No Pará, o Programa Integrar, atuando na organização e formação de trabalhadores desempregados, está preenchendo uma lacuna importante da ação sindical que ainda não havia sido tratada de forma concreta no estado. Com isso, o Sindicato dos Metalúrgicos de Belém preten-

Pará

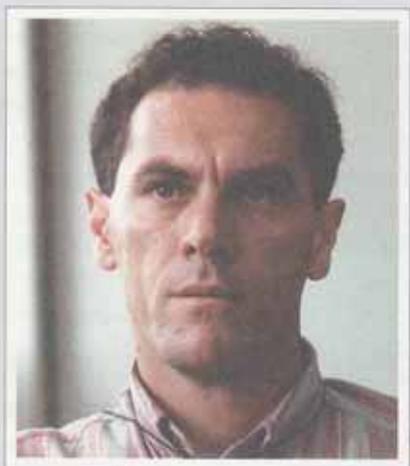
de sair na frente, aglutinando outros setores sociais e o próprio governo para discutir e implementar alternativas ao desemprego.

Segundo Sullivan Ferreira Santa Brígida, coordenador do Programa no estado, a globalização e a reestruturação produtiva têm causado uma grande transformação no mercado de trabalho local. São cerca de 150 mil trabalhadores sem emprego apenas na Grande Belém. Ele acredita que com a implantação do Programa esse problema terá um novo fórum de discussão e participação ativa dos trabalhadores. "Os programas de formação no estado não apresentavam a amplitude do Integrar. Com ele, além da formação profissional, estamos preparando o trabalhador para um novo mundo que está nascendo. Certamente o aluno do Programa Inte-

grar poderá enfrentar o futuro com maiores possibilidades, integrando-se de fato à sociedade e ajudando na construção de novas alternativas para o Pará e o Brasil", afirma Sullivan.

Os quatro núcleos implantados no Pará, nas cidades de Ananindeua (dois), Barcarena e Marabá, têm parceria da Secretaria Estadual do Trabalho e estão sendo iniciadas conversações para estabelecer convênios de cooperação com a Unitrabalho, as prefeituras das três cidades e a Secretaria Estadual do Meio Ambiente, além da Escola Técnica Federal.

Projeto Pará		
	núcleos	turmas
Barcarena	1	2
Belém	2	4
Marabá	1	2
total	4	8



Jair Mussinato, coordenador do Projeto Santa Catarina.

O Programa Integrar está em fase de implantação também em Santa Catarina e no Paraná. Nos dois estados os metalúrgicos estão negociando com entidades governamentais, educacionais e da sociedade civil a

Santa Catarina

viabilização dos núcleos.

Em Santa Catarina já estão em funcionamento salas de aula nas cidades de Crisciúma, Jaraguá do Sul e Joinville. São cerca de 70 mil metalúrgicos no estado, sendo que cerca de 15% estão desempregados. Para desenvolver o Programa, estabeleceu-se parcerias com a Escola Sul, de formação sindical, e com a Escola Técnica Federal, que será responsável pela certificação de primeiro grau dos alunos.

No Paraná, a primeira etapa do Programa está sendo negociada nas cidades de Curitiba e Ponta Grossa. De acordo com os dados disponíveis, o estado tem aproximadamente 230 mil trabalhadores desempregados. São ao todo 80 mil metalúrgicos e

cerca de 20% da categoria está sem emprego. As parcerias são as mesmas de Santa Catarina: Escola Sul e Escola Técnica Federal.

O coordenador do Programa nos dois estados, Jair Mussinato, diz que com a implantação do Programa os metalúrgicos terão um espaço de discussão e reflexão sobre as mudanças que estão ocorrendo na indústria. "Há uma grande expectativa dos trabalhadores em relação ao Programa Integrar."

Projeto Santa Catarina		
	núcleos	turmas
Crisciúma	1	2
Jaraguá do Sul	1	2
Joinville	1	2
total	3	6



Atividade em classe no Núcleo de São José dos Campos (SP): módulo de Matemática, confecção dos blocos lógicos

A pedra de toque

O dia-a-dia dos núcleos

Instrutores, professores e responsáveis locais são peças fundamentais no Programa Integrar. Eles estão imersos na realidade local e conhecem os alunos, fazendo a alquimia entre a proposta teórico-pedagógica e a prática de cada núcleo. Nas salas de aula, no contato cotidiano com os alunos estão sempre, lado a lado, um professor e um instrutor. O professor, da rede de ensino, traz consigo sua formação acadêmica e uma bagagem de anos de trabalho em classe. O ins-

trutor é sempre um metalúrgico desempregado, formado para a função pelo Integrar. Sua bagagem é o conhecimento e a experiência da produção, sua organização e mecanismos. Daí sua capacidade de interpretar e identificar, na realidade dos alunos — que é também a sua — as matérias abordadas em sala de aula. Não há homogeneidade etária, de formação escolar ou profissional entre eles. Mas, o objetivo de todos é comum: trabalhar a difícil realidade do desempre-

gado, desenvolver sua auto-estima e construir com ele uma nova posição diante da sociedade. Nesse processo, os próprios professores se transformam, dentro da proposta de cidadania participante, e por isso, mais uma vez, o Programa é inovador.

Do Núcleo de São José dos Campos (SP), Batista, ou Luís Batista do Nascimento, 50 anos, casado, que era almoxarife de ferramentas, é um bom exemplo. "Não fiz nem o primeiro grau completo. Fiz a escola da vida",



Construção de maquete: a organização do espaço da fábrica e a reestruturação produtiva. Núcleo de Mauá (SP). Trabalho em classe

diz ele. Ativo participante sindical entrou no Integrar desempregado, atuando há três meses num grupo que reivindicava a isenção de contas de água, luz e impostos. No início, fazia as palestras, mas não compreendia a dimensão geral do programa. Depois tudo mudou: "Muitos entram aqui sem nenhuma perspectiva. Estamos construindo cabeças diferentes das que eram quando entraram. Muitas pessoas não abriam nem a boca para falar e hoje são conscientes, abertas. Em todas as atividades, eu estou junto com esses trabalhadores para ajudá-los a ter uma formação diferente da que eles tinham antes. Com toda a sinceridade, eu me sinto bastante gratificado pelo que eu faço."

O grande desafio

"Só o fato de estar trabalhando no Programa já é um desafio", diz Antonio Fontanezi, o Tonhão, 48 anos, inspetor de ferramentas, casado, dois filhos, instrutor do Núcleo de Mauá (SP). Metalúrgico desde 1964, apesar de já ter trabalhado com cursos sindicais de formação, seu conhecimento pessoal era limitado, pois as

aulas eram voluntárias, bem diferentes das do Programa: "Não havia conteúdos, carga curricular. Eram várias pessoas dividindo o trabalho. No Integrar você tem que desenvolver as habilidades necessárias para que os alunos possam tomar conhecimento de certos conteúdos. Fazer com que eles se apropriem realmente do material curricular que é fornecido." Sua perspectiva pessoal se transformou completamente: "A minha função no mercado de trabalho praticamente desapareceu. Tentei outras, mas agora estou encarando essa coisa de ser professor como uma nova área: quero tentar me profissionalizar, me aprimorar, para poder me desenvolver nessa área. Quero entrar numa faculdade, fazer um curso. Aqui, no Programa, virei rato de biblioteca para preparar as aulas. Diferentemente dos professores, que vieram da rede escolar, a gente que é instrutor não tem essa prática de sala de aula e esse conhecimento formal todo. Então, você precisa se dedicar."

Por outro lado, a experiência prática da fábrica que é prerrogativa dos instrutores faz muita diferença no

curso, segundo Fontanezi: "Quando o pessoal começa a falar do dia-a-dia nas fábricas, dos problemas, você consegue visualizar o que está acontecendo. Nossa experiência no movimento operário também contribui para discutir com eles a construção de uma sociedade melhor e mais justa para os trabalhadores. Os trabalhadores têm que encontrar na sua história elementos para agir e buscar soluções para os problemas de hoje."

A vivência em sala de aula para alunos e professores quebra o isolamento social de todos, proporcionando troca de idéias, discussão e a busca de um objetivo comum: aprender e ensinar. "Na sala de aula, o aluno começa uma vida mais social. Não é simplesmente para eles aprenderem, mas convivem em grupo, com solidariedade, que é um dos objetivos do Programa. Hoje as pessoas procuram resolver seus problemas sozinhas, de forma muito individual. Na prática da classe dos trabalhadores, nada é resolvido sozinho. Tudo é resolvido coletivamente, senão a gente não consegue resolver nada", diz Fontanezi



Oficina de modelagem - máscaras, no Núcleo da Zona Sul de São Paulo (SP)

A experiência do coletivo

Os alunos do Núcleo do Jardim Ângela, Zona Sul de São Paulo (SP), aprenderam que é coletivamente que as coisas andam. Segundo a responsável local, Maria Muniz, com as discussões em classe eles começaram a perceber que o desemprego não era uma questão de ignorância deles. "Quando eles vinham fazer a ficha de inscrição, diziam que tinham perdido o emprego porque eram burros, não sabiam das coisas. A gente começou a discutir a dimensão do desemprego, uma coisa que está ocorrendo no Brasil e que não é fruto da ignorância do trabalhador. Começamos a ver que juntos era possível buscar alternativas e quando esses trabalhadores passaram a se organizar e construir um projeto de cooperativa de trabalho foi muito marcante para mim."

Rompendo preconceitos

Construir o coletivo não é nada fácil, pois é preciso quebrar velhas imagens da vivência de cada um, discutir preconceitos e medos. Quem aponta essa questão é a professora Débora Bernardo da Silva, professora do Nú-

cleo de São Leopoldo (RS): "Procuro ser o mais democrática possível, ter uma relação aberta e acatar o saber deles. Isto é uma coisa muito difícil porque os alunos estão acostumados a que o professor tenha uma posição autoritária. Confundem democracia e dizem que você não está tendo pulso suficiente para controlar a sala, ou então que você é aquela professora 'amigona' que dá um 'tapinha' nas costas, te manda fazer um 'trabalhinho' e te dá nota. Eles têm certos parâmetros e te comparam. Na verdade a gente interpreta vários papéis com os alunos. Com esta proposta nova, de fazer com que os alunos sistematizem seu conhecimento a partir da experiência acumulada, trabalhamos muito em grupo, com discussão e palestras. Eles vão percebendo que o professor não corresponde àquela imagem que eles têm na cabeça."

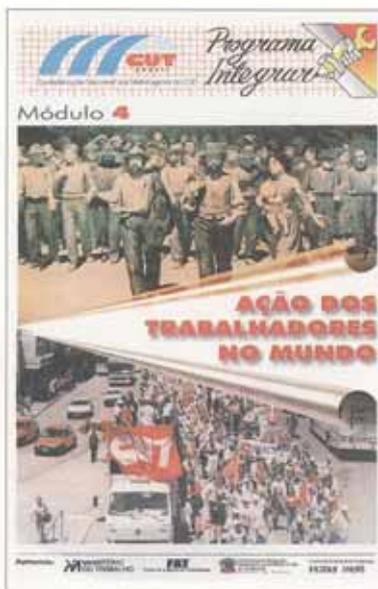
Os velhos comportamentos

Abordar temas antigos e difíceis do comportamento humano, como o machismo e o alcoolismo, para que a vivência coletiva na classe possa ser produtiva é outro ponto que não amedronta os professores. Antônio César

Soares, 44 anos, ex-metalúrgico e instrutor do Núcleo de Santa Maria (RS) afirma que essas situações são comuns. "Tivemos de discutir o fato de duas senhoras não poderem vir às aulas, por que eram à noite e o marido não deixava. Outro aluno era alcoólatra e atrapalhava as aulas. Orientamos, demos palestras sobre alcoolismo e drogas. Ele continuava falando alto e bagunçando as aulas. Chegou um momento que tivemos de dar uma dura e propor um tratamento, sob pena da sua exclusão da classe. Acho que ele valoriza muito o Programa, pois topou e está se recuperando bem e tendo bom desempenho na classe."

O sintoma da solidariedade

A solidariedade é o primeiro sintoma de que novos conceitos estão tomando o lugar de comportamentos antigos. No Núcleo da Zona Leste, em São Paulo (SP), uma das classes se reuniu para fazer uma compra de alimentos para um colega desempregado há muito tempo; outra se organizou para viabilizar a visita da mãe de uma aluna ao médico. A solidariedade passa a ser a cultura do núcleo,



Cadernos curriculares: material didático produzido pelo Programa. O primeiro (de cima para baixo), do Rio Grande do Sul; os outros dois, de São Paulo



onde antes apenas havia um grupo de pessoas sem articulação. Do Núcleo de Passo Fundo (RS), o professor Nei Alberti Pires relata um exemplo: "A casa de um dos alunos foi destruída por uma ventania e os demais, entre eles, solidariamente conseguiram comprar as telhas, para que o colega pudesse novamente morar no lugar."

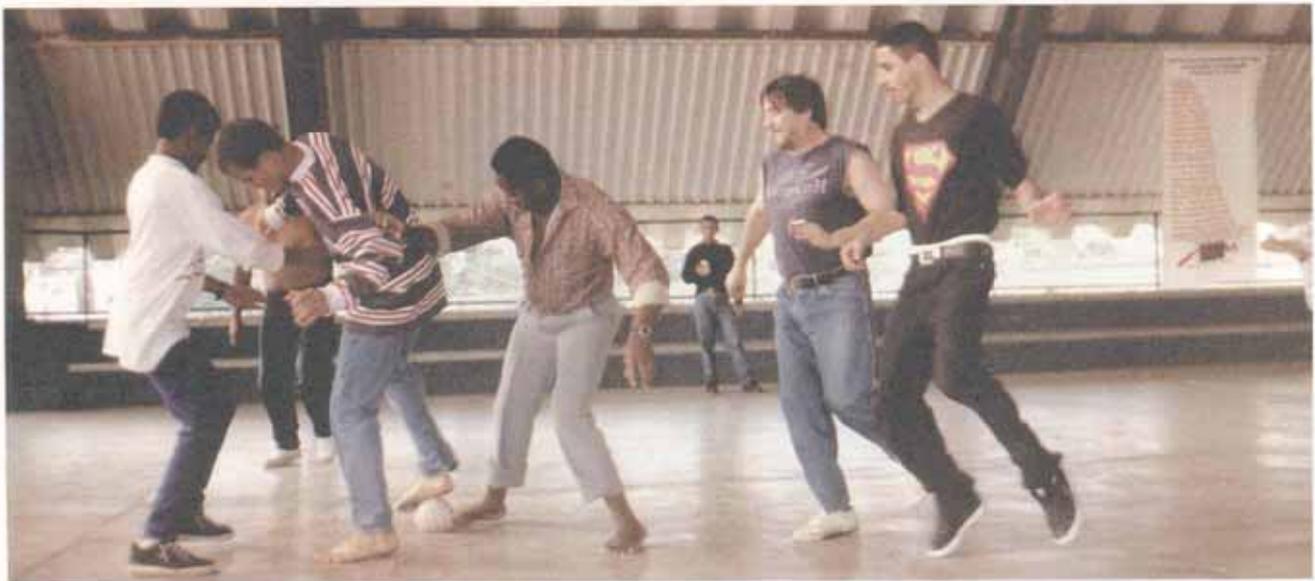
A experiência dos instrutores

Também fazem parte do cotidiano construído dia-a-dia na classe, as experiências dos instrutores. Antonio de Azevedo Dias, 42 anos, casado, é responsável pelo Núcleo de São Bernardo do Campo, na região do ABC paulista. Foi testador de motores de uma fábrica que mudou de estado. A empresa foi uma das pioneiras na região a adotar as medidas de qualidade total, reestruturando a produção e treinando os trabalhadores dentro desses padrões. Dias estava lá quando isso aconteceu: "A gente já não tinha nem mais chefe, só uma supervisão que determinava o que fazer e todo mundo assumia a responsabilidade e com a qualidade necessária. O espaço foi reduzido,

ficou menor, e todo mundo trabalhava mais próximo. Cada um sabia o que tinha que fazer. Todos trabalhavam o dobro. E sem a gente perceber, porque matou aqueles espaços de tempo para buscar peças em algum lugar mais distante. Então estava tudo próximo e você tinha vontade de fazer. O que piorou foi que muita gente pegou doenças de trabalho repetitivo. Todas essas questões são discutidas com os alunos no módulo Reestruturação Produtiva, trazendo nossa experiência prática." Para ele, o Integrar mostra que o movimento sindical está preocupado não apenas com os empregados, mas também com quem não tem emprego.

Perspectivas profissionais

Professor de geografia e metalúrgico durante 15 anos, Sebastião Maurilo Arsani, 38 anos, casado, é instrutor do Núcleo da Zona Leste de São Paulo (SP). Para ele, além da inovação pedagógica, o Integrar dá outras perspectivas profissionais para professores e alunos: "É gratificante ver uma novidade dar certo. Eu não tinha o conhecimento dessa propos-



Em Mauá (SP), alunos jogam futebol de salão. Atividades de lazer e esportes como forma de integração

ta de educação, e está sendo um ganho profissional para mim. Agora, na sala de aula, eu acredito que tem dado resultado razoável. Eu tenho procurado superar os meus limites. Mas essa proposta da interdisciplinaridade é a que eu mais gosto. Depois, na perspectiva do fim do fordismo nas indústrias, voltar para o mercado de trabalho na área metalúrgica vai ser difícil. Para nós e para os alunos. Eles começam a perceber que existem outras áreas, que antes não exigiam conhecimento e agora exigem um certo grau. E o Programa dá essa perspectiva de enxergar outras áreas que estão surgindo, como a segurança." Arsani quer continuar a estudar e se dedicar profissionalmente à educação.

Pedagogia e política

Os professores que chegam da rede escolar oficial percebem as vantagens da metodologia construtivista do Programa. É o que diz Aparecido Soares de Alcântara Filho, 30 anos, casado, que é formado em Filosofia, faz pós-graduação em Pedagogia e sempre deu aula nas escolas estaduais. Agora, ele é professor do Núcleo da cidade de Salto,

no interior paulista, desde outubro de 1996. "O Programa é importante sob vários aspectos", diz. Fazer o aluno encarar a vida de um outro modo é um deles: "Aí nós percebemos que a pedagogia e a política estão se encaixando. Ao mesmo tempo que damos a formação escolar para o indivíduo, estamos resgatando a cidadania, dando condições para que ele seja um cidadão no sentido pleno da palavra e proporcionando uma nova perspectiva de trabalho. Profissionalmente, eu sempre almejei uma série de coisas que antes eu não conseguia aplicar e que tenho conseguido aqui. Tudo aquilo que a gente só pensava em termos teóricos, quando eu vim para o Integrar, percebi que é possível fazer. Então acho que tanto professores quanto alunos estão sendo beneficiados."

A prática da democracia

Outra visão de mundo e outra posição perante ele, com uma intensa convivência entre gente diferente. Batista, Fontanezi e Alcântara dizem existir divergências nas suas equipes, o que acaba estimulando a convivência de pensamentos diferen-

tes no cotidiano. Ou seja, começa no núcleo a prática democrática do debate e da aceitação das diferenças. "É lógico que onde tem pessoas existe divergência de opiniões, mas nunca chegou ao ponto da gente se desentender. Existe um conflito num determinado momento, mas depois tudo se resolve. O que a gente percebe é que todas as pessoas que trabalham no Programa têm vontade de que dê certo. Estão se empenhando para que os objetivos sejam cumpridos", diz Alcântara.

Esse empenho é fundamental, pois o Programa está ainda em construção. Arsani, da Zona Leste de São Paulo afirma: "Nós temos que estar constantemente nos informando, estudando, lendo para poder atender a todas as dúvidas dos alunos. Jornais, principalmente, nos quais pesquisamos muito sobre a queda da bolsa que afeta diretamente a indústria automobilística, entre outros assuntos. Temos que estar atentos a essas coisas, porque elas são cobradas na sala de aula. Se nós não tivermos as informações, os alunos não vão desenvolver seu senso crítico."



No Núcleo de Matão (SP), apresentação da peça Sganarello, do grupo teatral Pegando N'Arte

Parcerias locais

Há muito trabalho a fazer e os recursos humanos e materiais são escassos. Por isso, as parcerias são outro ponto importante do Integrar. Os núcleos funcionam em salas de sindicatos, entidades, igrejas ou mesmo escolas com capacidade ociosa, cujos responsáveis são solidários ao Programa. O Núcleo de Mauá (SP), por exemplo, está locado no prédio central em que funciona a Divisão de Educação Especial da Prefeitura. O da Zona Leste de São Paulo utiliza o salão de uma igreja católica, que paga água, luz e ainda permite a realização de várias atividades extra-classe. Mesmo que não apoiem de forma estrutural, movimentos, grupos e entidades das regiões colaboram de alguma maneira, como diz Maria Muniz, 52 anos, solteira, responsável pelo Núcleo da Zona Sul de São Paulo, que ocupa desde 1996 o salão da igreja católica local, a Paróquia dos Santos Mártires, no Jardim Ângela, considerado um dos bairros mais violentos da capital: "A região é extremamente carente e todos os movimentos que

existem em torno também passam por dificuldades financeiras. Mas, eles contribuem com os eventos que a gente promove. Um bom sinal é o fato de os padres da paróquia disponibilizarem mais uma sala para a criação de um núcleo adicional do Programa ainda este ano. O Integrar já se tornou referência na região, e mais alunos nos procuraram. Esse é o maior presente que poderíamos ganhar."

Voto de confiança

Os alunos encontraram novas perspectivas sociais e também individuais, como relata Joseli Rodrigues da Silva, professora, 52 anos, que está há seis meses no Núcleo de Nova Friburgo (RJ): "Os efeitos já começaram a surgir só pelo fato de ser uma escola voltada para trabalhadores desempregados. Alguns alunos já estão conseguindo emprego por conta do retorno à escola. Outros escolheram o Integrar por causa de suas características e não um curso regular. Um aluno que estuda aqui conosco largou o ensino regular para vir estudar aqui. Eu achei que isto foi um voto de confiança no nosso trabalho."

O instrutor deste Núcleo, Sidnei Sebastião Murissilva, 43 anos, ex-metalúrgico, diz que tudo isso é por conta da originalidade da proposta do programa: "O aluno é um trabalhador desempregado. Não podemos vê-lo só assim, mas como um ser completo, total, que não é só uma máquina de produzir, mais tem sentimentos, tem visões de mundo, que tem compreensões e ritmo diferenciado, que devem ser respeitados e a partir disso fazer com que ele construa seu auto-conhecimento, a sua visão de mundo como um sujeito que pode interferir na realidade no sentido de transformá-la."

Resgate da cidadania

A dedicação do professor é fundamental para que isso se concretize. Alguns deles como Nei Alberti Pires, de Passo Fundo (RS), tinham muitas idéias, mas é a primeira vez que existe espaço para aplicá-las: "Há sete meses, desde que entrei no Programa, tudo que eu faço é em função deste curso e por conta das convicções que eu tenho: construir uma perspectiva de educação diferenciada e de resgate da cidadania. O desafio é construir

não individualmente, sempre coletivamente, superando as dificuldades e discutindo diversas posições, sonhos e contradições que as pessoas têm.”

Jocemar Barbosa, 31 anos, responsável local pelo Núcleo de Caxias do Sul (RS), acrescenta: “Me sinto uma parte da construção do Integrar no Rio Grande do Sul. Transformações sociais não acontecem por acaso e nem isoladamente. Temos de descobrir o caminho até elas.”

Crescimento e continuidade

Paulo Roberto da Silva, 41 anos, ex-mecânico de manutenção por 25 anos, e professor do núcleo que funciona no Sindicato de Metalúrgicos de Porto Alegre (RS) diz que os trabalhadores já entenderam a importância do curso: “Não há mais vagas e já existem outros sindicatos telefonando para a gente e querendo montar uma classe, como os vigilantes.”

A continuidade do Programa é fundamental na opinião de Débora Bernardo da Silva, 28 anos, professora do Núcleo de São Leopoldo (RS) que funciona na antiga sede do Sindicato dos Metalúrgicos: “A minha pers-

pectiva é que como proposta inovadora, o bom seria que se continuasse por um bom tempo, até porque o objetivo dele é maior, com a possibilidade de produção de uma ação social positiva, interessante, que se for levada a longo prazo vai dar bons frutos. A escola tradicional não se preocupa com a capacidade crítica dos alunos, com a construção da cidadania do aluno, de se fazer deste aluno um agente deste mundo. Por isso, eu acho que o projeto é diferente. Há uma junção deste conteúdo educacional com a questão política do movimento social, do movimento sindical. Vivemos um momento complicado, uma situação de crise e o próprio projeto é uma proposta, uma tentativa de buscar uma solução para isso. Fizemos uma oficina no ano passado para discutir políticas públicas, que começou no núcleo e acabou envolvendo a cidade inteira. Os alunos tiveram contato com entidades, grupos e movimentos sociais, aprenderam mais. A cidade também ganhou com isso. Foi uma experiência indescritível, muito positiva, de conhecimento da realidade”.

Visitas a museus e centros de estudos e pesquisa fazem parte das atividades dos núcleos. De cima para baixo: Núcleo de Salto visita o Memorial da América Latina; Núcleo da Zona Sul da capital visita a Estação Ciência, a Escola Técnica Federal e o Museu de Arte Contemporânea, todos em São Paulo



Trabalhador crítico é uma exigência da cidadania

Entrevista com Fernando Lopes, secretário de formação da CNM/CUT



A formação e requalificação profissional não significa a solução do grave problema do desemprego no Brasil. A CNM/CUT criou o Programa Integrar, que trabalha com formação profissional e básica para que o trabalhador possa se engajar politicamente nos processos que visam acabar com o desemprego. Mostra aos alunos que a eliminação do trabalho formal é de âmbito da política econômica e do modelo de desenvolvimento. De acordo com Fernando Lopes, secretário de Formação da CNM/CUT, o que a qualificação profissional pode dar é condição para as pessoas compreenderem esse processo e participarem de uma luta política para mudar os efeitos maléficos da reestruturação produtiva e da utilização de novas tecnologias na produção.

Fernando Lopes fala sobre os programas de formação da Confederação, da necessidade de preparar os dirigentes e os trabalhadores para uma nova conjuntura da produção industrial e sobre a criação e objetivos do Programa Integrar Nacional, voltado para a requalificação dos trabalhadores empregados, e dos projetos Integrar estaduais, que envolvem os metalúrgicos desempregados, buscando reinseri-los no mercado de trabalho.

Além do Programa Integrar a Secretaria de Formação desenvolve outros trabalhos. Quais são eles?

A Secretaria de Formação da CNM/CUT é um instrumento de execução da política geral da Confederação e trata especificamente dos processos, dos eventos e das

atividades formativas que têm como objetivos alterar qualitativamente a capacidade de ação dos dirigentes, da militância de base e dos trabalhadores para atingir as metas traçadas nos congressos e nas demais instâncias da

Central. Ela, portanto, coordena uma série de atividades meio para melhorar e qualificar a ação da CNM/CUT, seja dos seus dirigentes ou de toda a sua base. Definimos no Congresso da CNM/CUT que o nosso grande objetivo era alterar a correlação de forças em favor do trabalhador na disputa com o patronato, principalmente na esfera das políticas públicas do país, e para isso estamos desenvolvendo projetos de formação, visando preparar os dirigentes e os militantes para essas tarefas. Dividimos a ação da Secretaria de Formação em linhas gerais de trabalho conforme nosso público-alvo, que são os dirigentes nacionais, estaduais e de base dos sindicatos dos metalúrgicos filiados à CUT. Essas linhas envolvem a formação de dirigentes sindicais para os novos tempos que se apresentam na conjuntura: a questão da formação profissional e a questão da contratação coletiva. Ou seja, nós pensamos num tipo de formação que capacite os quadros, os militantes de base e os trabalhadores em geral para uma sociedade que é dividida, que tem projetos diferentes e na qual os trabalhadores participam e negociam.

Como são implementados esses programas?

Nossos programas são implementados por meio de cursos, seminários, atividades formativas, publicações, reflexões e debates que tentam — num processo de

acumulação permanente do conhecimento, da compreensão da realidade e de mudança de postura — nos preparar melhor para as atividades que desempenhamos. Pretendemos com isso ter uma atuação mais qualificada dos nossos quadros nas lutas gerais da classe trabalhadora. Precisamos estar preparados para a luta pela redução da jornada de trabalho, por uma vida digna, por uma nova organização da sociedade, que seria uma sociedade socialista. Temos um programa que prepara os nossos militantes e os nossos quadros para defender essa luta, e prepara a nossa base para compreender as ações dos dirigentes e dos quadros intermediários. Temos ainda um outro campo de luta com características diferentes, que é a nossa atuação enquanto sindicato dos metalúrgicos na relação capital e trabalho que se dá dentro da fábrica, em que os capitalistas, os donos das empresas, dos meios de produção e os trabalhadores têm interesses antagônicos dentro do processo de produção de riquezas e de bens e serviços. Para que esses bens e serviços sejam produzidos é necessário haver uma contratação entre as duas partes. Precisamos nos preparar para fazer essa contratação de forma que não apenas o interesse do patronato seja reconhecido. Uma terceira esfera de atuação se refere às lutas de interferência nas políticas públicas, ou seja, nas ações municipais, estaduais, fóruns tripartites, espaços que foram conquistados pela democratização da sociedade em que os trabalhadores têm assento, e para os quais precisamos ter quadros preparados para defender os interesses da classe trabalhadora.

Quais temas são abordados por esses programas?

Nós temos projetos de formação de dirigentes sindicais em torno da questão da reestruturação produtiva, que bateu forte no setor metalúrgico. Temos parceria com alguns sindicatos da Europa, basicamente italianos, suecos, alemães e espanhóis com os quais estabelecemos intercâmbio e um trabalho de formação permanente de dirigentes sindicais nos sindicatos de base, no sentido de entender a reestruturação produtiva. São cursos, seminários e outras atividades sobre esse tema. Um outro projeto que estamos desenvolvendo

é a organização sindical. Ou seja, o modelo de organização que temos no Brasil, da forma como foi criado por Getúlio Vargas, de sindicatos pulverizados, outorgados pelo Ministério do Trabalho, não dá conta de responder ao modo como estão organizadas as fábricas, como se distribuiu o capital no Brasil. É necessário mudar a organização sindical, construir um sindicato nacional, pois as fábricas hoje não são locais. O próprio setor automobilístico, por exemplo, que antigamente estava concentrado no Grande ABC, encontra-se atualmente espalhado pelo Brasil. O que estamos propondo é que para os trabalhadores de uma mesma fábrica, de um mesmo setor, de um mesmo grupo econômico seja feita uma única negociação nacional, juntando a força dos trabalhadores para se contrapor ao poder do capital. Em meio a todos esses projetos há o Programa Integrar, na área da formação profissional.

Como é o Programa Integrar em nível nacional?

Trata-se de um programa que serve como base e articulador de diversos projetos estaduais. O Programa Nacional partiu de uma pesquisa e do diagnóstico dos diversos setores que compõem o ramo metalúrgico: siderúrgico, bélico, aeroespacial, automobilístico, etc. Esse diagnóstico aborda basicamente quatro pontos: 1) o grau de reestruturação produtiva e de inovações tecnológicas que acontecem nesses diversos setores, levando em consideração as regiões; 2) as estratégias de negócios das empresas desses setores empresariais, ou seja, quais empresas e produtos são para o mercado interno, quais são para o externo e quais têm políticas estratégicas de longa duração; 3) como é tratada a questão da formação profissional nessas regiões e setores, dos pontos de vista patronal e público, ou seja, quais são os cursos que eles articulam, quais os programas de formação em que eles inscrevem os trabalhadores dessas empresas, quem financia e quais as metodologias utilizadas; 4) o impacto que todo esse processo tem no mundo do trabalho, ou seja, se existe comissão de fábrica, como é feita a negociação, qual o nível salarial, quais as características dos trabalhadores dessas fábricas. Essa pesquisa foi realizada em parceria com a Unitrabalho na questão específi-

ca da qualificação profissional e com o Dieese no que diz respeito à reestruturação produtiva, estratégia de negócio e impacto no mundo do trabalho. Agora, estamos realizando seminários com os sindicalistas desses diversos setores para discutir esse diagnóstico, definir formas de organização e atuação para enfrentar os desafios levantados pela pesquisa. No Programa Nacional, diferentemente dos projetos estaduais em que o público-alvo é o desempregado, queremos atingir as pessoas que estão trabalhando. Tanto o diagnóstico quanto o projeto que chamamos de Pesquisa Participativa para Negociação Sobre Formação Profissional visam institucionalizar no Brasil uma prática bipartite de negociação na questão da formação profissional, ou seja, colocar a qualificação profissional como um ponto da agenda das negociações entre capital e trabalho. Assim, estamos fazendo uma pesquisa piloto em 20 empresas no Brasil, em diversos ramos e diversas regiões, para a qual foram treinados grupos de sindicalistas com o objetivo de detectarem as necessidades das empresas no campo da formação profissional, através de uma metodologia científica. A partir dessa pesquisa os trabalhadores levantarão propostas e relatórios e estabelecerão um processo de negociação entre empresa e sindicato para implantação dos percursos formativos que forem apontados pela Pesquisa Participativa. Queremos realmente discutir tudo com as empresas: o currículo, a metodologia, a carga horária, o financiamento. Tudo a partir do levantamento feito no chão da fábrica, das reais necessidades dos trabalhadores.

Como envolver sindicatos, poder público e empresários para que coloquem como ponto de discussão a questão da qualificação profissional?

Há um Programa Nacional de 120 horas de formação de 210 dirigentes sindicais regionais de todo o Brasil para que eles possam compreender toda essa dimensão da qualificação profissional, e possam funcionar em cada ponto do Brasil como coordenadores, como mobilizadores, para discutir e levar em frente a qualificação profissional. Tanto do ponto de vista público para desempregados, como do ponto de vista negociável e bipartite como parte da vida

sindical. Pretendemos ainda no Programa Nacional um seminário tripartite em que vamos apresentar o fruto desse trabalho que teve início em 1997, e completa um ano e meio em julho. Vamos convidar os patrões e o governo para apresentar os resultados das nossas reflexões e quais foram os pontos a que chegamos. Queremos também que eles apresentem suas reflexões sobre a formação profissional, para que esse seminário possa estabelecer um outro patamar de discussão entre governo, empresários e sindicalistas metalúrgicos. Além disso, está previsto para junho um seminário internacional, no qual vamos fazer a socialização da nossa experiência no tema formação profissional com outros sindicatos das Américas, Europa, Ásia e África, porque esse é um assunto que está sendo discutido no mundo todo.

Há também um problema de gerenciamento dos recursos dos fundos dos trabalhadores. Como a CNM/CUT vê essa questão?

Tanto os projetos estaduais quanto o Programa Nacional são financiados por verba do Fundo de Amparo ao Trabalhador - FAT, que tem um órgão gestor chamado Codefat, que é tripartite igualitário, e tem comissões, ou deveria ter comissões de emprego em cada estado e cada município, além de programas de qualificação profissional também tripartites igualitários. A visão da CNM/CUT é que a utilização dos recursos públicos, que são do FAT, deve ter dois princípios básicos. O primeiro é a honestidade no trato com verbas públicas, ou seja, é preciso ter um sistema que não permita que essas verbas sejam desviadas ou mal utilizadas. Para isso é necessário rigor contábil e administrativo, de fiscalização. Um dos papéis da CUT nesses conselhos é controlar, exigir e fazer todos os esforços para uma correta utilização dos fundos do ponto de vista ético e contábil. Outro aspecto fundamental é o objetivo desses projetos. Só se justifica o uso de verbas públicas para projetos que visem superar os problemas e deficiências e possibilitar a inclusão social de parcelas que estão excluídas do processo produtivo e de cidadania. Outra discussão é a forma como são administradas as verbas públicas do Sistema S — Senai, Sebrae, etc. Também são verbas pú-

blicas, e que também são repassadas para toda sociedade nos preços dos produtos, só que são arrecadadas pelo Estado e repassadas unicamente para a gestão do patronato. Nós brigamos e lutamos para que haja um gestão bipartite desses fundos e, nesse caso, tanto a Pesquisa Participativa quanto o seminário tripartite que nós queremos fazer visam estabelecer uma nova institucionalidade no Brasil para esta área.

Os novos processos produtivos exigem um novo perfil de trabalhador. Como a CNM/CUT está enfrentando essa realidade?

De certa forma o Programa Integrar tem como desafio tocar nessa questão. Antes, o padrão de trabalhador que as empresas precisavam era uma coisa embrutecida. Ele não precisava pensar, raciocinar, precisava apenas saber apertar botão e fazer tarefas penosas. Tinha que trabalhar mais com o braço do que com a cabeça. Nós sempre fomos contra esse tipo de organização da produção. Hoje, as empresas afirmam que precisam de um outro tipo de trabalhador. É pré-requisito do processo produtivo moderno um trabalhador que tenha compreensão da realidade, que se posicione frente aos desafios colocados, que faça opções e assuma riscos em função dessas decisões que tomou, que tenha responsabilidade, que tenha poder de abstração. Acreditamos que o trabalhador crítico, educado, contemporâneo, do ponto de vista das inovações que a humanidade produziu sobre o seu desenvolvimento, não é uma exigência do processo produtivo, é uma exigência da cidadania. Então, trabalhamos na formação integral do trabalhador. Não porque seja uma exigência dos meios de produção, mas porque se trata de um ser crítico, com compreensão do mundo, com visão engajada, posicionada e isto é fundamental para um homem livre, para um homem integral. A partir desse princípio, trabalhamos também a dimensão da cultura, do aprendizado, de absorver o tanto de conhecimento que historicamente sempre foi coibido, impedido. Nós colocamos a compreensão do conhecimento que a humanidade produziu como fundamental para um sociedade justa. Se isso condiz com o padrão de produção em uma sociedade do futuro, tra-

ta-se apenas de uma conseqüência. Portanto, não é o que nos move a fazer programas de formação. O Integrar parte dessa concepção: o ser humano para ser livre, para poder participar ativamente, precisa dominar essa simbologia, precisa dominar essas dimensões que historicamente sempre foram possibilitadas apenas às classes dominantes. Entender de cultura, saber poesia, entender os clássicos, compreender os avanços da tecnologia — não apenas como usuário, mas como gente completamente integrada — é fundamental, e esse conceito é pano de fundo do Programa Integrar como um todo.

Como está a escolaridade do trabalhador brasileiro?

O Programa Integrar tem uma visão de formação libertadora, que significa a apropriação de conhecimentos como forma de inserção dos indivíduos na sociedade. Esse pano de fundo, no caso específico do Brasil, tanto no Programa Integrar Nacional como nos projetos estaduais, tem uma necessidade que é a superação da baixa escolaridade dos nossos trabalhadores. Precisamos resgatar essa dívida social. A média de estudo dos metalúrgicos, por exemplo, é de três anos e meio na escola. Isso significa uma perda muito grande do ponto de vista de cultura, de conhecimento e de capacidade de participação na sociedade. Tanto para empregados como para desempregados, essa visão de formação do ser integral tem que responder à questão do pagamento da dívida social que é a baixa escolaridade, de uma escola preconceituosa e discriminatória que só serve aos ricos. Este é um papel do Estado: a garantia de uma escola pública de boa qualidade para todos os trabalhadores. Ou seja: ensino público, gratuito, de boa qualidade e universal. Isto está claro no Programa. Outro ponto é a questão do fio condutor que nos leva às atividades formativas. Ou seja, estamos trabalhando a formação profissional em um determinado mundo e numa época da humanidade, que passa por um processo de reestruturação produtiva e que tem implicações fundamentais na vida, no comportamento, na cultura e na psicologia da sociedade como um todo. É necessário ter consciência de que a formação é para um mundo que se comunica, que agoniza, que se expressa

de formas diferentes de tempos passados, e que isso se dá por conta de uma mudança na base material da organização da sociedade. Essa base material econômica sobre a qual a sociedade se organiza tem influência sobre todas as outras dimensões, assim como é influenciada por elas. Os dois programas se particularizam no eixo principal de sua ação, ou seja, enquanto o programa para empregados está focado para a empresa, para negociação e contratação da qualificação como item da agenda sindical, o programa para desempregados tem como foco a geração de emprego e renda, e reinserção dessas pessoas numa sociedade digna. Acreditamos que, cada vez mais, serão necessárias menos pessoas para produzir bens e serviços. Isso em si não é um mal, é bom porque libera o homem para outras atividades. O que é ruim é que as pessoas, da forma como está sendo tratada a política econômica discriminatória do mundo, estão sendo jogadas na marginalidade. Existem outras formas de organizar a sociedade, de produzir, de distribuir rendas, de reduzir jornada de trabalho. O progresso tecnológico e científico tem que se transformar também em progresso social e da humanidade como um todo. Ao mesmo tempo que o Programa Integrar é um curso de formação para as pessoas que participam, ele é um curso de formação para os dirigentes sindicais e para os parceiros que a gente estabelece para sua execução. Na realidade, é um processo formativo de uma postura frente à realidade. Não é só uma escola onde se vai adquirir conhecimentos, mas também um processo político de intervenção dentro da área da educação.

O Programa Integrar enfrentou de início uma certa resistência no próprio meio sindical. Como você vê essa questão ao longo do tempo e como está hoje?

Em públicos diferenciados nós tínhamos reações diferenciadas. No caso específico do sindicalismo houve três fases distintas. A primeira foi a da perplexidade. Exceto três ou quatro dirigentes da CNM/CUT que junto com os técnicos encaminharam a primeira parte do projeto, para o restante do movimento sindical passou como uma coisa que não tinha muito a ver com o dia-a-dia. Num segundo momento, vivemos um processo de re-

sistência frente ao projeto, de desconfiança em relação a ele, devido à novidade e à profundidade das questões que ele levanta. Também havia a questão do incômodo que ele causava nos sindicatos. Ou seja, estava todo mundo acomodado no seu cargo, tocando o dia-a-dia, e o projeto subverteu isso e causou uma certa resistência, desconfiança, do tipo "lá vem esse negócio para atrapalhar a nossa calma". E uma terceira fase mais recente, que é de engajamento, de compreensão e de aposta no projeto. Quer dizer, passamos por um processo de indiferença, um de resistência e agora estamos num processo de engajamento por parte das lideranças dos sindicatos. No campo da academia, dos pesquisadores da educação, houve um primeiro momento de euforia com a possibilidade de travar um contato com o povo, com os trabalhadores, etc. Hoje está passando por uma fase rica de discussão metodológica, de conteúdo, de concepção de educação, coisa que a academia — com toda sua contribuição — não estava acostumada a fazer. Também há uma boa reação dos governos, já que temos projetos em nove estados, além do Programa Nacional, e de certa forma estamos influenciando os fóruns, os debates e discussões de definição desse desenho institucional do plano nacional de formação. A nossa relação ou influência está mais precária com o movimento sindical dos docentes. Eles teriam uma contribuição a dar, já que nosso projeto toca em alguns temas polêmicos como a unicodência, pois temos apenas uma dupla de docentes que dá conta de vários conteúdos, sem disciplinas separadas e uma série de metodologias e de processos de avaliação. Portanto, seria interessante estarmos discutindo com os sindicalistas da educação, e isso não está acontecendo.

Qual a avaliação no plano nacional do Programa Integrar?

Do ponto de vista pedagógico e educacional, o projeto avançou bastante, mesmo precisando melhorar a questão do desenho do currículo e dos materiais didáticos. Existem outras duas dimensões do projeto que têm avançado, mas há um comportamento meio complicado e ainda não sabemos se existe uma sustentação para elas: trata-se da geração de emprego e da geração de renda.

No Programa Integrar tínhamos três hipóteses fundamentais: uma que é possível recuperar, valorizar, avaliar e certificar como conhecimento de primeiro grau a experiência de vida, o conhecimento adquirido ao longo da história dos trabalhadores, organizando os fragmentos de conhecimento que ele acumulou durante a vida. Outra hipótese dizia respeito ao fato de que não ter lugar na indústria, não significa ser um excluído, mendigo, etc. Através do coletivismo, de se juntar para buscar soluções na intervenção política, pode-se conseguir a reinserção na sociedade. Temos aí também a questão da melhoria da auto-estima, de fazer com que o trabalhador se sinta produtivo, e nossas avaliações demonstram que conseguimos isso. Mas o salto para a construção de redes de produção alternativas, de construir um economia realmente solidária, precisa de muito mais trabalho. Um projeto de uma só categoria não vai dar conta, é preciso muito mais intercâmbio com outros setores da sociedade. Uma terceira dimensão é a questão sindical, na qual também avançamos bastante. Demos uma sacudida nos setores que no princípio reagiram, ou ficaram indiferentes. Hoje, eles se mobilizam, estão presentes, demonstrado um compromisso com os trabalhadores. Isso de certa forma resgata o déficit dos sindicatos quando o último contato com aquele trabalhador que tinha contribuído a vida toda era fazer a homologação e a partir daí ele era um "João Ninguém", o sindicato não tinha mais nada a oferecer para ele. Com o Programa Integrar o sindicato hoje está junto ao desempregado. O sindicato sabe que ainda é sua obrigação desenvolver tarefas e atividades para aqueles que estão sem emprego. Portanto, houve um grande avanço nessa questão sindical. Nessas três dimensões o Programa Integrar tem uma avaliação bastante positiva e que nos coloca grandes desafios para o futuro. Uma outra questão importante é a avaliação sob o aspecto administrativo: a experiência de tratar com verbas públicas, que têm fiscalização e necessidade de prestação contas na data certa, etc. Isso exigiu a criação de uma equipe administrativa de gestão que tem sido uma escola para o sindicato, no sentido de se firmar como instituição com capacidade de assumir compromissos cada vez maiores frente à sociedade.



Os nossos parceiros

Para implementar o Programa Integrar em nível nacional a CNM/CUT estabeleceu algumas parcerias com instituições de renome na área de ensino e pesquisa, visando obter apoio científico para o desenvolvimento metodológico do curso e estudos com o acompanhamento de temas como o mercado de trabalho, desemprego, pedagogia, e para avaliação permanente do próprio desempenho do Programa.

A parceria com a Unital Trabalho está centrada em duas frentes: diagnóstico sobre a formação profissional e a construção de um banco de dados para sistematizar todo o processo de criação, que está sendo construído, implementação e desenvolvimento tanto do Programa Nacional quanto dos projetos nos estados. As informações desse banco de dados serão disponibilizados para todo movimento sindical e para os parceiros.

Outra entidade que formou parceria com a CNM/CUT para este programa é o Dieese, que tem como responsabilidade realizar o diagnóstico sobre reestruturação produtiva e participa da Pesquisa Participativa Para



Formatura da primeira turma

No dia 6 de dezembro de 1997, no Centro Esportivo do Sindicato dos Bancários, em São Paulo (SP), realizou-se a solenidade de formatura da primeira turma de alunos do Programa Integrar. Os 342 formandos receberam seus diplomas representando os 12 núcleos do estado onde o Programa começou a funcionar no ano anterior.

Negociação Sobre Formação Profissional, fazendo a análise das estratégias de negócio das empresas pesquisadas e o impacto no mundo do trabalho, na vida dos trabalhadores.

Outro parceiro é a Universidade Federal do Rio de Janeiro, que estabeleceu o compromisso de cooperação com a CNM/CUT através da Coordenação de Programas de Pós-Graduação de Engenharia (Coppe) que também colabora na realização da pesquisa. Participam ainda como parceiros as escolas de formação da CUT, que trabalham na questão da formação de dirigentes e o Departamento de Estudos Sócio-Econômicos da CUT

(Desepe), que também auxilia na gestão, definição e implementação do Programa Nacional como um todo.

O Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) é o órgão financiador. A verba do FAT é aprovada pelo seu Conselho Deliberativo, o Codefat, com acompanhamento dos projetos feitos pelo Ministério do Trabalho através da sua Secretaria de Formação (Sefor). A CNM/CUT busca fazer com que o FAT, além

de financiar o Programa, participe ativamente das atividades e rumos a serem tomados. Atualmente, esse órgão tem como responsabilidade o aporte de recursos e a supervisão do projeto.

Para tentar aproximar os parceiros, a CNM/CUT está preparando um seminário tripartite em que serão discutidas, além das questões pedagógicas e de estruturação dos cursos, a postura institucional no país para que haja uma intervenção maior de outras instituições nos cursos de requalificação e formação profissional. É importante que haja fóruns de discussão permanente, com reuniões de avaliação do Programa.

Programa Integrar

Conselho de Gestão Nacional

Heiguiberto Guiba Della Bella Navarro, Fernando Augusto Moreira Lopes, Luiz Roberto Cury, Altamir Antonio Tortelli, Wilson Cavedem, Marco Aurélio Spall Maia.

Convênios

Coppe, Dieese, Unitrabalho e Deseq

Coordenação

Fernando Augusto Moreira Lopes, Kokite Nelson Nakamoto

Projeto São Paulo

Conselho de Gestão

Heiguiberto Guiba Della Bella Navarro, Fernando Augusto Moreira Lopes, Marco Aurélio Spall Maia, Wilson Cavedem

Convênios

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Coppe / Universidade Federal do Rio de Janeiro, Cesit / Universidade de Campinas, Escola Técnica Federal de São Paulo, Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socio-Econômicos (Dieese), Secretaria de Emprego e das Relações de Trabalho do Estado de São Paulo (Sert)

Coordenação

Wilson Cavedem, Archimedes Felício Lazzari

Projeto Rio Grande do Sul

Conselho de Gestão

Heiguiberto Guiba Della Bella Navarro, Fernando Augusto Moreira Lopes, Marco Aurélio Spall Maia, Maria Eunice Wolf, Marino Vani

Convênios

Fundação Interuniversitária de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho (Unitrabalho), Escola Técnica Federal de Pelotas, Escola de Primeiro e Segundo Grau José César de Mesquita, Escola Sindical Sul, Centro de Acessoria Multiprofissional (Camp). Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socio-Econômicos (Dieese), Secretaria do Trabalho Cidadania e Assistência Social (STCAS)

Coordenação

Marco Aurélio Spall Maia, Elton Scapini

Projeto Rio de Janeiro

Conselho de Gestão

Heiguiberto Guiba Della Bella Navarro, Fernando Augusto Moreira Lopes, Marco Aurélio Spall Maia, Carlos Manoel Costa Lima

Convênio

Secretaria de Estado de Trabalho e Ação Social (Setras)

Coordenação

Carlos Manoel Costa Lima

Projeto Pará

Conselho de Gestão

Heiguiberto Guiba Della Bella Navarro, Fernando Augusto Moreira Lopes, Marco Aurélio Spall Maia, Sulivan Ferreira Santa Brígida

Convênios

Sindicato dos Metalúrgicos do Pará (Simetal), Escola Norte / CUT-Pará, Centro Educacional Olimpus, Secretaria do Trabalho e Promoção Social (Seteps)

Coordenação

Sulivan Ferreira Santa Brígida, Juramir B. de Oliveira Junior

Projeto Santa Catarina

Conselho de Gestão

Heiguiberto Guiba Della Bella Navarro, Fernando Augusto Moreira Lopes, Marco Aurélio Spall Maia, Jair Mussinato

Convênio

Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social e da Família

Coordenação

Jair Mussinato

Fábricas onde está em curso a Pesquisa Participativa

Volkswagen, TRW, Hidrophenix - Sorocaba, Metaleve, Kostal (São Paulo)
Zivi-Hercules (Rio Grande do Sul)
Albrás, Copala (Pará)
Kohlbach (Santa Catarina)
CCE, Motohonda, Caloi (Amazonas)